



(Re)contos do Oriente

um olhar dos Estudantes Chineses

(再) 东方传说

中国学生的目光

2021

Ficha Técnica**Título**

(Re)contos do Oriente, um olhar dos estudantes chineses

Coordenação

Paula Cristina Ferreira

Fausto Caels

Colaboração de

Flávia Coelho

Composição gráfica

Elvis González Comprés

Centro de Recursos Multimédia, ESECS

ISBN

978-989-8797-58-2

Edição de 2021

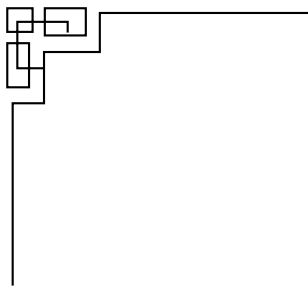
Índice

Prefácio	6
Nota de apresentação	8
A expressão idiomática no (re)conto do Oriente.....	15
História dos signos chineses	17
A menina que vive dentro da concha	21
História de Mulan.....	24
A raposa usa o prestígio do tigre.....	26
Três monges	28
A criação da pera	31
A ave contra o mexilhão.....	33
Nezha e a tradição.....	34
Os amantes da borboleta	36
DongShi tenta imitar XiShi	39
O idoso que vendia óleo	44
O senhor Ye gosta de dragões.....	46
À espera do coelho.....	48
A mãe de Meng muda de casa por três vezes	50
A lebre preparou um remédio celestial	52
O poema de Hua Mulan	54
Meng Jiang chora na Muralha da China.....	56
Song Dingbo capturou um fantasma.....	58

O monstro do ano novo chinês.....	61
O sapo no fundo do poço	63
O Kong Rong partilhou as peras.....	65
Houyi atira flechas aos sóis	67
Sima Guang destrói o tanque de água	69
A história de Mazu	70
O avô estúpido move as montanhas.....	72
A tecedeira e o vaqueiro	75
A deusa Chang'E voa para a lua.....	78

A Cultura forma Sábios; a Educação forma Homens.

Louis Bonald



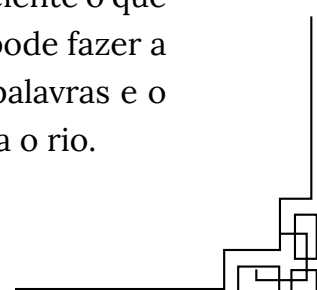
Prefácio

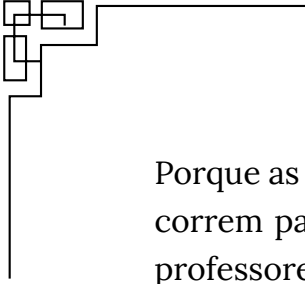
Antes da voz está a contemplação do olhar. Só depois vem a partilha da ficção oral. Raras vezes, a materialização num registo escrito, desafiador do tempo presente.

Vindos de Macau ou da China continental, estes estudantes-‘escreventes’ aceitaram incluir-se num processo de imersão na língua portuguesa e – em simultâneo – projetar as idiosincrasias da cultura oriental, quase sempre desconhecidas no ocidente. Olharam; analisaram os textos em língua portuguesa, orais e escritos, propostos na Unidade Curricular de Géneros Textuais I; encontraram estruturas basilares de criação; partilharam em equipa e no grupo-turma as suas dúvidas e conclusões; dedicaram-se à tarefa complexa de moldar a narrativa oriental escolhida nas linhas arquitetónicas da narrativa breve ocidental, com princípio, meio e fim, descrição e diálogo.

Sem nunca perder a ética e os valores profunda e profusamente subjacentes a toda a palavra oriental, os estudantes devolveram aos docentes Fausto Caels e Paula Cristina Ferreira os estímulos para perceber como podem certas estratégias de escrita e reescrita motivar-nos – a todos – a encontrar nas palavras e na língua do outro arquétipos universais de contar e escrever e ler.

Princípios como estes são fundamentais no curso de Tradução e Interpretação Português-Chinês / Chinês-Português, pois são as diferenças que tornam inevitável a necessidade de traduzir e interpretar. Analisar a cultura em que nascemos é, talvez, a forma mais acutilante de tomarmos consciente o que nos diferencia e como a tradução/interpretação pode fazer a ponte entre duas margens de um mesmo rio: as palavras e o mundo que elas refletem; o olhar dos homens para o rio.





Porque as águas do rio nunca são as mesmas – porém sempre correm para o mar – saudemos este projeto que transforma professores e estudantes em guias para atravessar pontes e fortalecer laços pacíficos e proveitosos entre duas culturas.

Leiria, 4 de janeiro 2021.


Cristina Nobre



Nota de apresentação

É com muito orgulho que apresentamos esta antologia de Contos do Oriente, escritos por alunos macaenses e chineses do curso de Tradução e Interpretação Chinês-Português e Português-Chinês. O **curso**, para quem não sabe, resulta de uma parceria entre a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria (ESECS-IPLeiria) e a Escola Superior de Línguas e Tradução do Instituto Politécnico de Macau (ESLT-IPM). No âmbito dessa parceria, a ESECS acolhe, todos os anos, os alunos do IPM que se encontram no segundo ano do curso, permitindo-lhes melhorar os seus conhecimentos da língua portuguesa, ao mesmo tempo que desenvolvem competências técnicas na área da tradução e da interpretação, num ambiente de imersão linguística e cultural.

Os contos foram produzidos na **unidade curricular** de Géneros Textuais I onde se visa aprofundar o conhecimento metatextual e linguístico e estimular a capacidade de analisar e produzir textos, de acordo com as características de diferentes géneros. De entre os diferentes tipos de texto explorados na UC, desempenham um papel fundamental os textos narrativos e, dentro destes, os contos tradicionais. Enquanto docentes, considerámos, por isso, fundamental criar um **projeto de escrita** em torno deste género textual. Um projeto que permitisse, aos estudantes, aplicar as competências de escrita adquiridas na UC, por um lado, e contribuir para a **divulgação de elementos da cultura oriental** a falantes da língua portuguesa, por outro. O livro que aqui apresentamos é o fruto desse projeto. Gostaríamos, adicionalmente, que os alunos do IPM – sejam os que participaram na elaboração desta antologia, sejam os que em anos futuros passem pelo IPLeiria – tivessem a oportunidade de apresentar oralmente

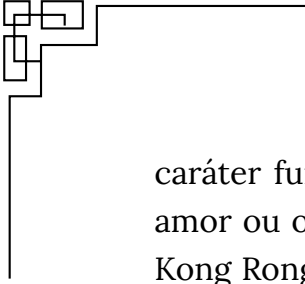


estes contos na ESECS ou em escolas básicas e secundárias da região, assim se fortalecendo relações interpessoais entre jovens de diferentes origens, portuguesas, chinesas, macaenses ou outras.

O livro acolhe um total de vinte e oito contos, elaborados individualmente ou em pequenos grupos (decisão que deixámos ao critério dos estudantes). Fazemos questão de apresentar os títulos dos contos num formato trilingue, assim celebrando a **diversidade linguística**. São elas: o português, o mandarim, escrito por meio de caracteres, e o *pinyin* (sistema de escrita romanizado, que permite representar a língua chinesa por meio do alfabeto latino). A maioria dos contos é ainda acompanhada de uma ou mais **ilustrações**, concebidas pelos próprios estudantes de forma autodidata, humilde e corajosa.

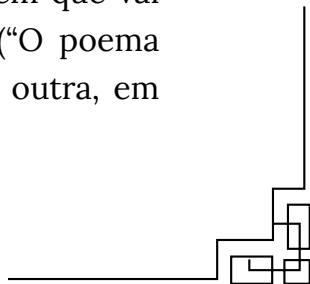
Os textos incluídos nesta antologia inserem-se na classe dos “**contos tradicionais**”, aqui entendidos como textos narrativos de curta extensão, geralmente de autoria desconhecida, transmitidos de geração em geração, muitas vezes de forma oral. A cultura oriental, e a China em particular, dispõe de uma longa e rica tradição de contos tradicionais. Revelamos, desde já, alguns padrões literários e culturais que emergem dos contos aqui reunidos:


Destaca-se, em primeiro lugar, a questão do tempo. Alguns contos transportam o leitor para tempos imemoriais, mitológicos, e permitem explicar a origem do mundo (cf. “A história de Pan Ku”) ou a sua configuração atual (cf. “Houyi atira flechas aos sóis”; “A história dos signos chineses”). Outros referem tempos em que os seres humanos tinham a capacidade de interagir com os deuses, despoletando neles emoções fortes, como a ira ou a compaixão (cf. “O avô estúpido move as montanhas”). Outros, ainda, abordam os tempos em que esse contacto não mais existia. O encanto destes contos reside sobretudo na exploração de traços de



caráter fundamentalmente humanos, como a inteligência, o amor ou o espírito de entreatura (por ex. “Três monges”; “O Kong Rong partilhou as peras”). Ainda a propósito do tempo, refira-se que há contos que abrem com uma referência genérica do tipo “era uma vez” ou “há muito, muito tempo”, à semelhança do que sucede em muitos contos ocidentais. Outros, porém, apresentam referências temporais mais exatas como “o período antigo dos Cinco imperadores”, “a Dinastia Jin”, “a Dinastia Qin”, “a Dinastia Uei”, “o Período dos Reinos Combatentes” ou “o Período das Primaveras e Outonos” revelando a **articulação de factos e lendas** na construção da história coletiva da China.

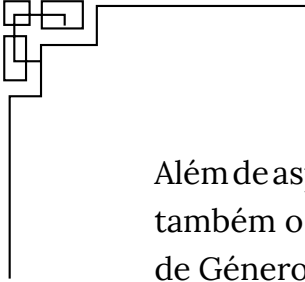
Um segundo aspeto que sobressai dos contos é a diversidade dos seus protagonistas. Como já referido, os contos podem centrar-se em pessoas, seres mitológicos ou ambos. Além disso, existe também aqui um rico filão de histórias protagonizadas por animais, sejam eles criaturas fantásticas, como o dragão ou o designado “monstro do ano novo chinês”, ou animais reais existentes no território chinês, como o tigre, o coelho, a tartaruga, a raposa, o sapo ou o mexilhão, os quais surgem antropomorfizados. Alguns animais, ainda, transitam dentro do próprio conto de uma existência física, terrena, para uma existência divina, como é o caso da lebre que habita a lua (cf. “A lebre preparou um remédio celestial”). Atendendo aos seres humanos representados nos contos, encontram-se evidências do herói masculino, jovem e forte, personalizado, por exemplo, na figura de Houyi que salva a terra de uma seca extrema (cf. “Houyi atira flechas aos sóis”). Mais frequentemente, porém, os protagonistas são pessoas potencialmente mais frágeis, que se revelam dotadas de capacidades inesperadas, como uma rapariga jovem que vai à guerra em vez do pai, disfarçada de homem (“O poema de Mulan”) uma criança que vem em socorro de outra, em





risco de se afogar (“Sima Guang destrói o tanque de água”), ou uma pessoa de idade que à custa de muita repetição se tornou mestre do seu ofício (“O idoso que vendia óleo”). Outras figuras recorrentes são o jovem, o pobre, o agricultor ou o monge. A figura feminina sobressai, também, nestas histórias, umas vezes na qualidade de figura maternal (“A mãe de Meng muda de casa por três vezes”), outras vezes por ser dotada de poderes sobrenaturais (“A História da Mazu”), de beleza exterior e interior (“DongShi tenta imitar XiShi”) ou de uma coragem impar (cf. “A tecedeira e o vaqueiro”; “A deusa Chang’E voa para a lua”).

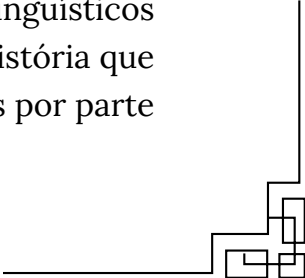
O terceiro aspeto que nos parece relevante prende-se com as **diferentes finalidades sociais** destes contos. Como dissemos em cima, alguns contos têm uma função histórico-mitológica, relatando e explicando aspetos específicos da história do mundo e da cultura chinesa, em particular. Outros contos assumem uma função mais lúdica, deliciando o leitor com situações cómicas e caricatas, como em “Song Dingbo capturou um fantasma”. Encontram-se também histórias que ocupam o extremo oposto do espectro emocional. São tristes e dramáticas e fazem-nos refletir sobre amores impossíveis, sacrifícios e a fragilidade da vida humana em geral (“Meng Jiang chora na muralha da China”; “Os amantes da borboleta”; “Neztha e a tradição”). Múltiplos contos revestem-se, ainda, de ensinamentos morais, frequentemente explicitados e reforçados na parte final do texto. Assim sucede, por exemplo, em “Os três monges”, “A ave contra o mexilhão” ou “À espera do coelho”. Alguns valores – universais e, ao mesmo tempo, tipicamente orientais – que emanam destes textos são a importância atribuída ao trabalho, à perseverança, à humildade e à capacidade de agir em função de um bem comum maior.

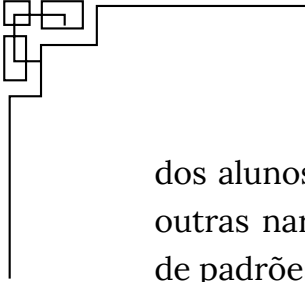


Além de aspetos variados da cultura oriental, os contos refletem também o próprio **percurso de aprendizagem** trilhado na UC de Géneros Textuais I, que passamos a explicitar brevemente.

Os textos constituem o produto final de um processo faseado e colaborativo, desenvolvido ao longo de várias semanas. Foram passos desse processo: a seleção dos contos chineses, a sua apresentação e discussão oral perante a turma, a elaboração de pelo menos duas versões do conto, revistos e comentados pelos docentes e sucessivamente melhorados pelos alunos. Esta abordagem faseada permitiu “esculpir” e aperfeiçoar gradualmente a escrita dos textos. A monitorização dos docentes constituiu um elemento intrínseco a esse processo, não fosse ele conduzido em contexto pedagógico. Nesse sentido, os contos não pretendem tanto revelar as competências de escrita individuais e autónomas dos alunos, como se de uma avaliação se tratasse. Pretendem sim, mostrar o que eles são capazes de fazer colaborativamente e em diálogo com outros colegas e com os docentes. Posto isto, tivemos o cuidado, enquanto organizadores deste volume, em não interferir demasiado no tecido linguístico dos textos. Queríamos, pois, que fossem representativos das competências dos alunos em português, sabendo que se encontram a estudar a língua há um ano e meio, tendo um semestre de imersão em Portugal. Como ficará claro nesta antologia, a proficiência dos alunos na língua de Camões varia entre os níveis A1, A2 e B1 do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas.

Na elaboração dos seus contos, os alunos colocaram também em prática um conjunto de saberes transmitidos nas aulas de Géneros Textuais. Para (re)escrever um bom conto não basta, pois, possuir conhecimento factual de vocabulário ou de gramática. É necessário saber usar os recursos linguísticos no momento certo e na dose certa, criando uma história que seja aliciante para o leitor. A elaboração dos contos por parte



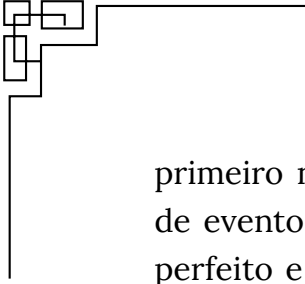


dos alunos foi, por isso, precedida da análise e discussão de outras narrativas em português, potenciando a apropriação de padrões lexicais, gramaticais e textuais funcionais.

Um dos aspetos trabalhados em sala de aula dizia respeito à macroestrutura do texto narrativo, que envolve tradicionalmente i) uma introdução, ou orientação, que define as principais personagens e as coordenadas espaciotemporais, eventualmente explicitando o acontecimento inicial que põe em marcha o resto da história, ii) um desenvolvimento, que apresenta uma sequência de eventos, envolvendo tipicamente um ou mais problemas que requerem a intervenção das personagens e iii) uma conclusão, que pode apresentar uma resolução para os problemas, um comentário e/ou uma lição moral. Ficará claro na leitura desta antologia que todos os alunos – independentemente da dimensão do seu conto – procuraram colocar em prática esta estrutura tripartida, atraindo o leitor para dentro do texto e mantendo-o interessado até ao fim.

Dois outros recursos fundamentais trabalhados em aula foram as passagens descritivas e os diálogos. Usados de forma articulada e ponderada, permitem enriquecer grandemente os textos narrativos, dando mais vida às personagens, detalhando a sua aparência física, os seus traços de carácter e/ou sua forma de interagir com os outros.

Nos textos dos alunos, as passagens descritivas tendem a concentrar-se no parágrafo inicial e visam traçar o retrato físico e psicológico da personagem principal. Tal retrato é feito, em alguns casos, com grande sofisticação quer em termos humanos, quer em termos linguísticos (cf. “História de Mulan”; “Os amantes da borboleta”). A propósito da descrição, note-se também como a maioria dos alunos distingue corretamente o pretérito imperfeito do pretérito perfeito, empregando o



primeiro na descrição de estados e o segundo na narração de eventos que se sucedem no tempo. Esta distinção entre perfeito e imperfeito não existe na língua chinesa e o facto de se encontrar plasmada nos textos dos alunos constitui um marco significativo na sua aprendizagem do português.

Os diálogos, por seu turno, tendem a localizar-se sobretudo ao longo da etapa de desenvolvimento. Enquanto alguns alunos optam por um uso moderado do discurso direto (por ex. “Neztha e a tradição”), outros usaram-no de forma recursiva, servindo-se dele como eixo estruturante para a organização do texto (por ex. “A história dos signos chineses”; “Song Dingbo capturou um fantasma”). A introdução e delimitação das falas é feita por meio de aspas ou travessões; recursos formais abordados na UC e aplicados com sucesso nestes textos. Note-se, ainda, como os alunos tiveram o cuidado de empregar, nessas falas, uma diversidade de recursos linguísticos próprios do discurso oral, como repetições, interjeições, estruturas do tipo “é que”, expressões idiomáticas, entre outros. Contos particularmente ricos a esse nível incluem “À espera do coelho”, “O sapo no fundo do poço”, “A mãe de Meng muda de casa por três vezes” ou “O avô estúpido move as montanhas”.

Concluída a apresentação dos contos, terminamos esta nota de apresentação com um agradecimento especial a todos os estudantes que participaram neste projeto e que – com toda a legitimidade – se podem considerar autores dos textos aqui apresentados.

Obrigados pela experiência enriquecedora!

Os Docentes

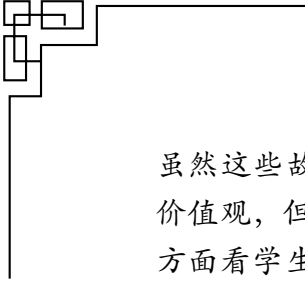


A expressão idiomática no (re)conto do Oriente

以下介绍的选集是中葡翻译课程学生辛勤努力的成果。学生们挑选了源自东方的传统故事，但是用葡萄牙语来给大家讲述这些故事。该项目对翻译及外语研究领域作出了巨大的贡献。从一方面来看，在跨越地理界限的同时，这一项目也传播了文化价值，从另外一方面学生给我们带来中文思维方式与语言结构的知识。这一选集突出了他们的翻译和改编技巧，这是作为文化桥梁不得不具备的基本技能。

此选集中有两个比较突出的特点，第一，收录了中国古代神话和传说（即《田螺姑娘》，《花木兰》，《哪吒的故事》，《盘古开天地》，《玉兔捣药》，《后羿射日》，《年兽》，《妈祖的故事》和《嫦娥奔月》），第二是成语的故事和寓言（即《狐假虎威》，《鹬蚌相争》，《东施效颦》，《守株待兔》，《孟母三迁》，《井底之蛙》和《愚公移山》）。中国古代神话和传说讲述的是神话人物的故事，以及传统的文化和社会习俗，这种习俗持续到今天，正如《年兽》所讲的，春节的时候人们仍在自己家门口贴上春联。再举个例子，《嫦娥奔月》的故事出现在不同的故事中而其中的内容是连贯的。嫦娥是后羿的妻子，《玉兔捣药》也提到了这个仙女。

许多成语来源于故事和寓言，它们教给我们跨领域的主题的道德价值，我们认同它们的价值，例如在《在孟母三迁》中可以体现出母亲的爱；在《愚公移山》中可以体现“努力之后才有回报”的道理。这些固定结构是中国文学中最常见的成语。它们有四个字，如果分开单独看，将完全失去原来故事的意义。音乐性、节奏性和语言推论都是中国文学经典之作的特征，例如在五个儒家经典之作（四个字成语的主要来源之一）我们都可以证实这些特征的存在。



虽然这些故事反映着东方社会、道德、文化、意识形态和政治的价值观，但是他们仍然能够尊重这两个国家的文化层面。从一方面看学生们保留了历史参考，例如人名，神话人物和地方的名称，另一方面从翻译和改编研究的角度来看，葡语版不仅保留了参考，而且也保存了文化元素这方面。总之本项目是多元文化产品的好范例。这方面的一个例子是在《孟母三迁》的历史中添加了葡萄牙语“de pequenino se torce o pepino”（矫枉趁年轻）。

此选集也包括中国古代民间四大爱情故事里面的三个，即《梁山伯与祝英台》、《孟姜女哭长城》和《牛郎织女》。其余的传统故事，即《十二生肖》，《三个和尚》、《种梨》、《卖油老人》、《孔融让梨》、《宋定伯捉鬼》和《司马光砸缸》，这些故事传达了道德价值，同时也保留了故事的寓意。此外，学生们通过语言、语体及言外特征的协调问题能灵活地用在自己的语言能力复述了这些故事。

Flávia Coelho



História dos signos chineses

十二生肖 - Shí'èr shēngxiào

Lam Ka Ian (Polly), Yuan BingBing (Poppy)

Sabem a origem dos signos chineses? Vem de uma lenda antiga e engraçada!

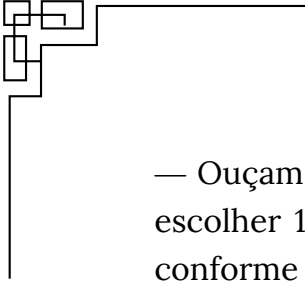
Há muito, muito tempo, as pessoas esqueciam-se sempre do ano do nascimento porque não conseguiam memorizar tantos anos, por isso, não podiam saber a sua idade.

— Avô, que idade tem? — um neto perguntou ao seu avô.

— Hummm..... não sei porque não me lembro de quando nasci. — disse o avô tristemente.

Para resolver este problema, o Imperador do Jade pensava que as datas dos aniversários eram muito difíceis para as pessoas se lembrarem, mas os nomes dos animais eram mais fáceis de memorizar. Portanto, teve uma boa ideia e informou todos os animais.





— Ouçam! Daqui a dois dias, vou realizar um concurso para escolher 12 animais, e vou usar o nome deles em cada ano conforme a ordem do primeiro ao décimo segundo vencedor deste concurso. — anunciou o Imperador do Jade.

Rapidamente, todos os animais começaram a discutir e a preparar-se para este concurso, porque eles tinham de atravessar um rio largo e torrentoso antes de chegar ao final. Naquela época, o Rato e o Gato eram amigos do peito, mas eles não conseguiam nadar.

— Não conseguimos nadar. Como ultrapassamos o rio? — o Rato perguntou inquieto ao Gato.

— Não te preocupes, meu amigo, tenho uma boa ideia! Podemos pedir ajuda ao Boi. — respondeu o Gato com confiança.

A seguir, eles foram à casa do Boi e como ele era muito bondoso, aceitou ajudá-los. No dia do concurso, O Rato, o Gato e o Boi levantaram-se cedíssimo, enquanto os outros animais ainda estavam a dormir. Portanto, eles foram o primeiro grupo a chegar à margem do rio. O Rato e o Gato saltaram para as costas do Boi e começaram a atravessar o rio.

— Levantei-me tão cedo, estou muito cansado! — o Gato disse sonolento.

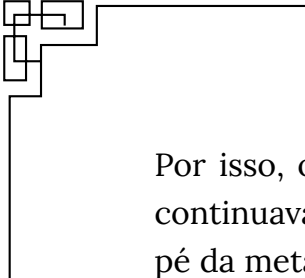
— Não faz mal, vou acordar-te quando estivermos quase a chegar à outra margem. — disse o Rato.

Rapidamente, o Gato dormiu a bom sono às costas do Boi. Quando eles chegaram a meio do rio, evido à ambição de ganhar o primeiro lugar no concurso, o Rato empurrou o Gato, que caiu ao rio.

— Ahhhhh!!!! Socorro! Socorro! — o Gato gritou.

No entanto, o Rato saltou para a orelha do Boi e gritou muito.

— Forçaaa! Forçaaa! Forçaaa! — gritou o Rato à orelha do Boi.



Por isso, o Boi não ouviu o pedido de socorro do Gato e continuava a atravessar o rio. Quando o Boi estava mesmo ao pé da meta final, o Rato saltou fora da orelha do Boi e passou imediatamente a meta. Conseguiu o primeiro lugar, o Boi chegou em segundo.

Depois, o Tigre chegou também à meta.

— Sou o primeiro! Sou o primeiro! — dizia o Tigre com felicidade.

— Não! Não! És o terceiro porque o Rato e o Boi já tinham chegado antes de ti. — afirmou o Imperador de Jade.

Logo a seguir, houve uma rajada de vento, o Dragão desceu do céu e estava a lançar-se para o final, mas o Coelho saltou para a sua cabeça de repente, e chegou antes do Dragão. Por isso, o Coelho foi o quarto e o Dragão o quinto.

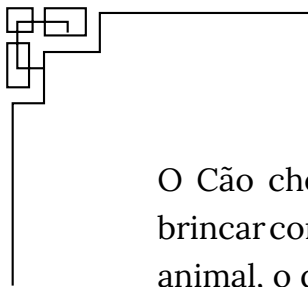
— Porque chegaste atrasado? — perguntou o Imperador de Jade ao Dragão.

— Participei na festa das colheitas e atrasei-me para este concurso. — explicou o Dragão.

Depois o Cavalo apareceu e quando estava quase a chegar ao final, de repente, uma serpente saltou fora da terra. — Ah!!!!!!! Serpente! Tenho medo da Serpente! — o Cavalo gritou assustado.

Como o Cavalo ficou espantado e parou, a Serpente ultrapassou-o e chegou primeiro. Assim a Serpente foi o sexto e o Cavalo foi o sétimo animal.

Nem todos os animais conseguiam nadar ou voar, por isso não podiam atravessar o rio. Apesar de muitos animais desistirem deste concurso, a Cabra, o Macaco e o Galo insistiam e usavam um tronco como barco para chegar ao seu objetivo. Chegaram ao final e ficaram exaustos. A Cabra ficou em oitavo, o Macaco em nono e o Galo em décimo.



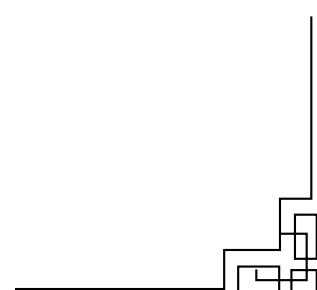
O Cão chegou em décimo primeiro, porque ele gostava de brincar com a água do rio e esqueceu-se do concurso. E o último animal, o décimo segundo, foi o Porco, ele gostava imenso de comer e demorou muito tempo a tomar o pequeno-almoço. Portanto, partiu mais tarde.

Quando o Imperador de Jade anunciou o resultado, um som apareceu de repente:

— Es-pe-pe-ra! Em... em que... lugar estou? — o Gato disse ofegante.

— Que pena, és o décimo terceiro. — disse o Imperador de Jade.

Ao ouvir o seu lugar, o Gato ficou zangadíssimo por causa do mau comportamento do Rato. Dali em diante, o Gato e o Rato nunca mais foram amigos. E o Rato tinha imenso medo do Gato porque pensava que o Gato se iria vingar dele. Portanto, hoje em dia, quando um rato vê um gato, foge sempre dele.



A menina que vive dentro da concha

田螺姑娘 - Tiánluó gūniáng

Wu Ning Jing (Ariel), Vong Ka Kei (Sebastiana)

Era uma vez um jovem trabalhador que apanhou um grande caracol do chão, levou-o para casa, colocou-o num tanque de água e cuidou dele.

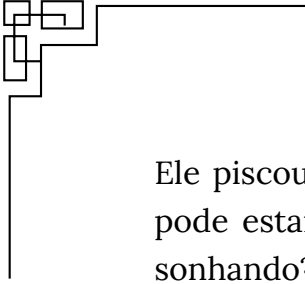
No dia seguinte, o jovem trocou a água do tanque e foi trabalhar. O jovem ficou ocupado até escurecer e estava exausto, por isso foi descansar para casa. Ele estava tão cansado que pensou “hoje fico com fome de novo, vou dormir”.

O jovem chegou à porta da casa e sentiu o cheiro de uma refeição.

Ele abriu a porta e disse:

– Oh, qual é o problema? O que se passa?





Ele piscou os olhos e pensou “É uma coisa estranha! Como pode estar uma refeição perfumada na minha mesa? Estou sonhando? Ou estou indo para casa? “

O jovem correu para fora da casa e olhou para ela. Isso mesmo. Esta era a sua casa, a sua porta. Ele empurrou a porta novamente e a comida ainda estava sobre a mesa, convidando o seu estômago. O jovem correu e comeu. Esta refeição foi a refeição mais perfumada e mais rica que ele já alguma vez comeu.

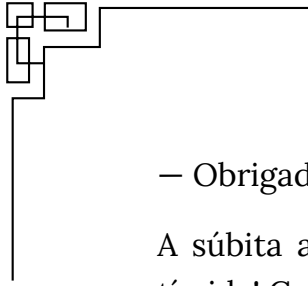
Dessa forma, durante alguns dias, o jovem pôde voltar a ter refeições deliciosas. Ele prometeu verificar quem as fazia e pagar a esse benfeitor.

Dias depois, o jovem acordou mais cedo e foi trabalhar, mas desta vez, ele voltou para casa também um pouco antes da hora normal. Escondeu-se num monte de palha do lado de fora da casa e ficou a olhar para o quarto.

A sala estava silenciosa, não sei quanto tempo levou, a tampa do tanque da cozinha abriu-se de repente e uma menina bonita saiu de lá de dentro. O jovem viu do lado de fora da janela e ficou assustado e surpreso, olhando para a rapariga. A menina foi ao fogão, cantou uma música linda e começou a cozinhar. Cozinhar arroz, cozinhar outras coisas deliciosas e, em pouco tempo, a comida perfumada estava pronta. A menina olhou para a hora, era cedo e foi limpar o quarto do jovem.

O jovem entrou à pressa na cozinha e abriu a tampa do tanque de água. O caracol grande no tanque de água tinha apenas uma concha vazia!

Este jovem compreendeu que essa menina era o caracol e não teve medo, porque já gostava dela, era gentil e atenciosa. Ele pegou na concha de caracol e escondeu-se atrás da rapariga:



– Obrigada, obrigada por cozinhares para mim todos os dias.

A súbita aparição do jovem chocou-a. Ela estava ansiosa e tímida! Correu apressadamente para a cozinha e pulou para o tanque de água. Olhou para ele e chorou.

– Estás à procura disto? –disse ele.

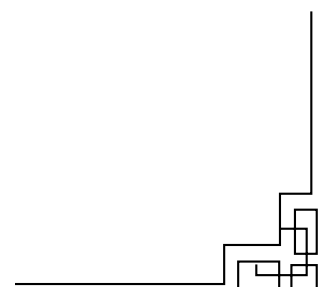
Quando a menina viu a concha do caracol, sorriu. Ela precisava da concha para sobreviver.

O jovem sussurrou: –Dou-te a concha se ficares comigo.

Ela concordou timidamente, saiu do tanque e não se escondeu mais na concha.

O jovem e a linda menina caracol casaram...

Todos à sua volta elogiam uma boa esposa, trabalhadora e gentil.



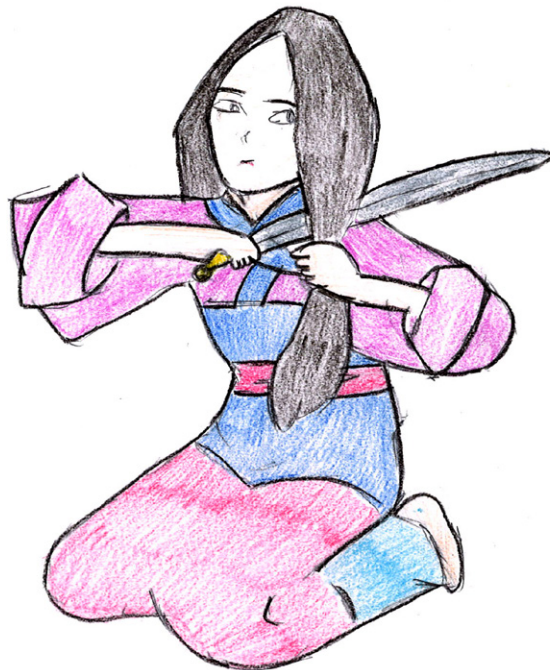
História de Mulan

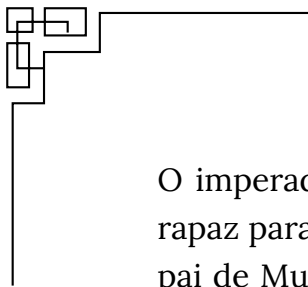
花木兰 - Huā mùlán

Ng Kuan Keong (Pedro), Ho Hoi Lam (Anabela)

Há mil anos na China Antiga, vivia uma rapariga bonita e nova, chamava-se Mulan. Ela morava com o pai e o irmão mais novo. O pai dela era um guerreiro, mas como tinha ferido uma perna numa batalha, não conseguia guerrear e a filha mais velha em casa, Mulan, sentia-se responsável por manter o prestígio da família.

Um dia, um militar chegou com uma má notícia do imperador (o rei), disse que o inimigo da China, os Hunos, tinha invadido o país. Como antes desta invasão, a China já tinha lutado com outros inimigos, o imperador agora não tinha soldados suficientes para lutar com os Hunos.



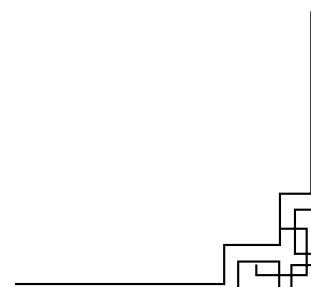


O imperador obrigou cada família a mandar um homem ou rapaz para “servir” o seu próprio país, o que significava que o pai de Mulan tinha de voltar ao campo de batalha... e Mulan sabia que o seu pai estava muito velho para lutar. Naquela noite, ela tomou uma grande decisão, cortou o seu longo cabelo com uma espada e decidiu fingir-se de homem e lutar pelo seu pai. Mulan, “vestida” como um homem novo e no cavalo do seu pai, saiu, quando a família estava a dormir.

No dia seguinte, no campo de batalha, quase todos os soldados acreditaram que Mulan era um homem. Depois, começaram a treinar. Infelizmente, Mulan não podia suportar tal treino devido à alta intensidade. Os soldados diziam-lhe para desistir, para não atrasar a equipa e não desperdiçar a vida. Mulan não se importava, só tinha um pensamento que era manter o prestígio da família.

Finalmente, dez anos depois, a batalha terminou e Mulan voltou para a China com a vitória e muito orgulhosa. Devido à força de Mulan, o imperador queria premiá-la pela insistência e determinação, mas ela educadamente recusou, só queria voltar para casa.

Quando chegou a casa, o irmão dela já era adulto e os pais estavam bem. Mulan chorou de emoção, porque a família estava novamente reunida.



A raposa usa o prestígio do tigre

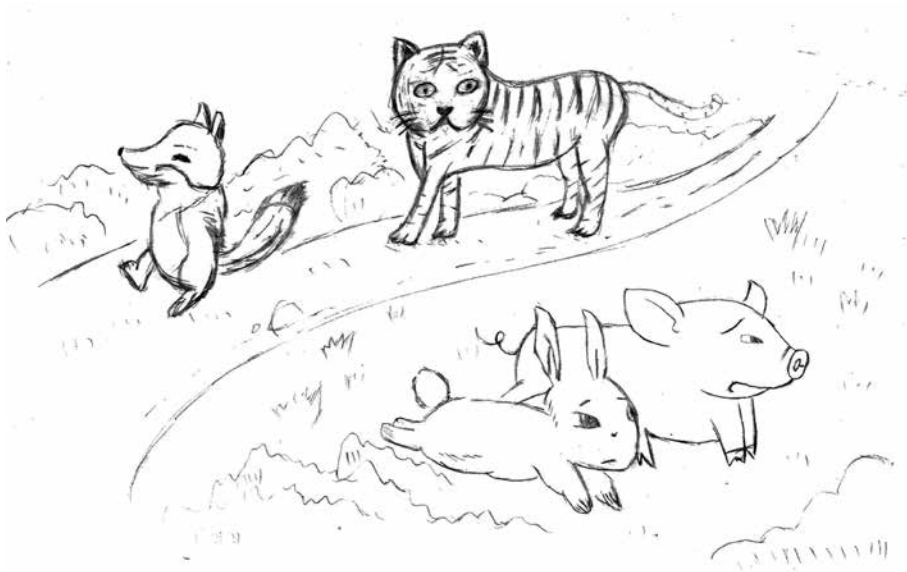
狐假虎威 - Hújiǎhǔwēi

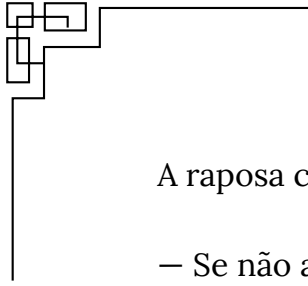
Chen TaoJi (Miranda), Li Qixin (Estrela)

Era uma vez um tigre que estava cheio de fome, por isso ele saiu da caverna onde vivia para caçar. Quando viu uma raposa que estava a passear, sem hesitação, a agarrou. Mas quando se preparava para a comer, a raposa disse:

– Você não é o rei dos animais. Então não me pode comer, porque Deus já me designou como o Rei dos Reis, se me comer, vai ser punido por Deus!

O tigre não acreditou no que a raposa disse, mas viu que ela estava confiante, ficou surpreso e desconfiado. Pensou: “Sou o rei dos animais, por isso, eles têm medo de mim. Mas ela foi designada por Deus para me dominar? Será isso verdade?”



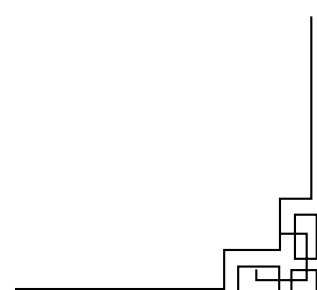


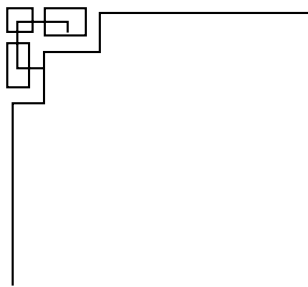
A raposa continuou a dizer:

– Se não acredita no que eu disse, porque não caminha atrás de mim para ver se os animais têm medo de mim? Assim pode tirar a verdade a limpo.

O tigre pensou que a raposa tinha razão, seguiu-a para a floresta. Quando os animais viram que o tigre seguia a raposa, escaparam-se. O tigre não soube que os animais se assustavam com ele, mas pensou que eles estavam com medo da raposa e acreditou no que a raposa disse.

No final, por medo, não a comeu.





Três monges

三个和尚 - Sān gè héshàng

Jiang Xiao Rui (Beatriz), Zhang Lin (Leticia)

Era uma vez um jovem monge que vivia uma vida simples num templo no topo de uma montanha. Ele tinha uma tarefa diária, transportar dois baldes de água para o cume da montanha.

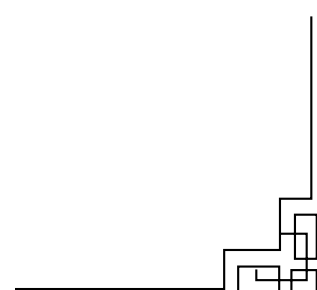
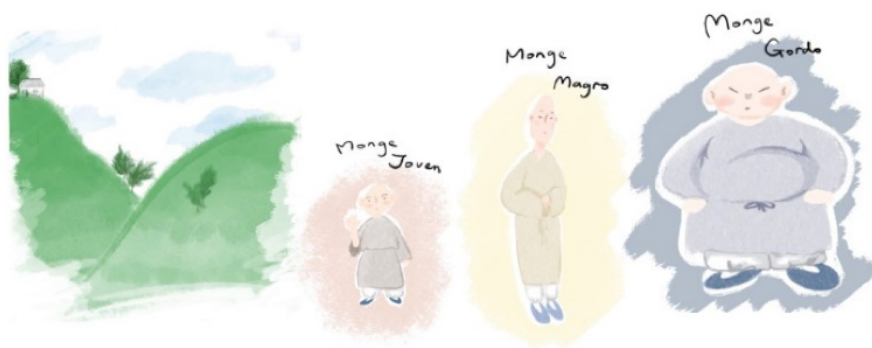
Um dia, um monge magro veio e bebeu a água do jovem monge.

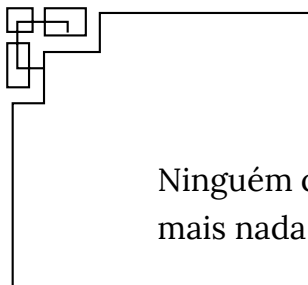
— Como pudeste beber a minha água? — disse o jovem monge muito zangado.

— Não sabia que a água era tua. Eu tenho muita sede! — respondeu o monge magro.

— Então, vai descer a colina e buscar água agora. — disse o jovem monge.

— Porquê? Estou cansado e não quero ir. — disse o monge magro.





Ninguém queria ir buscar água. Os dois monges não disseram mais nada um ao outro.

Mas como tinham muita sede, os dois decidiram dividir o trabalho. Eles decidiram carregar só um balde no centro da vara. Mas enquanto eles subiam e desciam a colina, o balde movia-se.

— Olha, se o balde não fica no centro, eu carrego mais peso do que tu. Não é justo! — refilou o jovem monge.

— Mas eu sou mais alto, naturalmente eu carrego mais peso! — disse o monge magro.

— O que dizes não faz sentido. Não me tentes enganar! — respondeu o jovem monge.

Eles, zangados, não falaram mais nada um com o outro.

Alguns dias depois, um monge gordo juntou-se a eles. O monge gordo bebeu a água toda.

— Como pudeste beber toda a água!? — disseram o jovem monge e o monge magro.

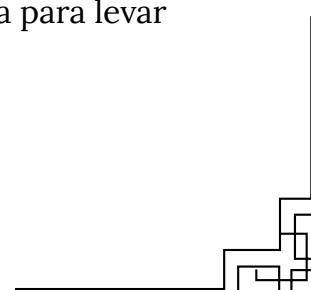
— Desculpa. Eu vou buscar a água. — respondeu o monge gordo com impaciência.

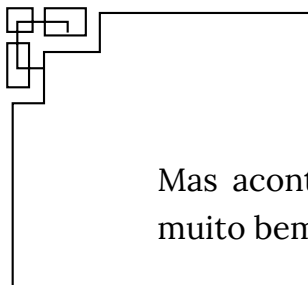
O monge gordo trouxe a água, mas também a bebeu.

— Como pudeste beber toda a água outra vez! — disseram os monges com raiva.

— Eu só trago água para mim. Se querem beber água, desçam a montanha. — disse o monge gordo.

Neste momento, todos os monges esperam que alguém assuma a tarefa. Ninguém quer descer a montanha para levar a água, embora todos estejam com sede.



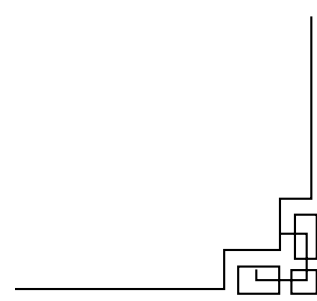


Mas aconteceu algo que os fez mudar de atitude e dar-se muito bem.

Uma noite, um rato apareceu no templo e depois derrubou uma vela que provocou um incêndio. Os três monges, finalmente, uniram-se para apagar o fogo.

A partir desse momento entenderam o velho ditado “a união faz a força” e começaram a viver uma vida harmoniosa. No templo nunca mais houve falta de água.

Moral da História: A divisão de tarefas e a colaboração permitem o sucesso de todos.



A criação da pera

种梨 - Zhǒng lí

Lio Kei Hong (Henrique), Leung Keng Hang (Cristiano)

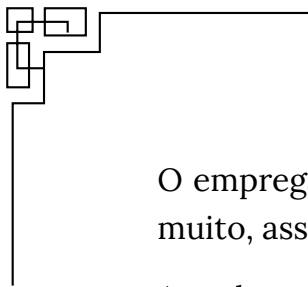
Era uma vez um homem da aldeia que vendia peras no mercado. As peras eram muito doces, mas eram caríssimas. Certo dia, apareceu um taoista com chapéu e roupas esfarrapadas e desarrumadas, estava a mendigar ao vendedor de peras que lhe ralhou muito e que ficou muito zangado.

O taoista perguntou:

– Tem mais de cem peras no seu carrinho, eu apenas peço uma, não é nada para si, porque fica tão zangado?

As pessoas que estavam no mercado, aconselharam-no a dar a pera pois o homem era muito pobre e não tinha nada para comer, mas o vendedor não concordou.





O empregado de loja estava ao lado deles, viu que discutiam muito, assim pagou uma pera e deu-a ao taoista.

Agradeceu-lhe e disse:

– O frade não cobiça nada, tenho uma pera para vocês provarem.

Perguntou:

– Se tem uma pera, porque não a comeu? Preciso deste fruto, da pera.

Começou a comê-la com uma grande boca. Depois de a comer, pôs o caroço na mão, tirou a pá das costas, escavou e colocou-o, alcatifou a terra e pediu a água quente às pessoas que ali estavam perto. Havia uma pessoa que tinha interesse em ver o que aconteceria e deu-lhe um balde de água da loja.

Toda a gente viu surgir uma gomeleira que cresceu muito rapidamente. E rapidamente se tornou numa árvore. Surgiram as flores e as peras. O taoista tirou as peras, partilhou-as com as pessoas, comeram-nas todas num instante. Depois, usou a pá para cortar a árvore, com o som “Ding Ding Dong Dong”, partiu a árvore. Levou-a e saiu da aldeia e do mercado.

O vendedor viu-o e esqueceu-se do seu carrinho de peras. Quando voltou a olhar, as peras tinham desaparecido.

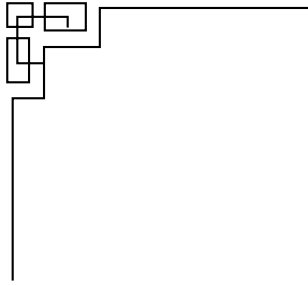
Entretanto as peras tinham sido distribuídas misteriosamente pelas pessoas.

O carrinho transformou-se numa pereira.

O vendedor ficou zangado e perseguiu o taoista, chegou mesmo até ao final da aldeia e descobriu que o taoista tinha deixado o braço da árvore ali.

O taoista desapareceu e as pessoas riram alto e gozaram com o vendedor.





A ave contra o mexilhão

鹬蚌相争 - Yù bàng xiāng zhēng

Leong Weng Kei (Alice), Sou Hio Man (Catarina)

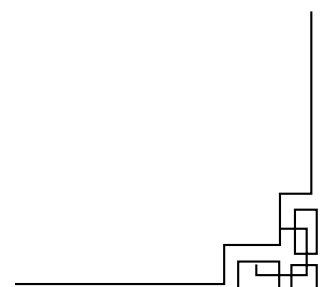
Perto da praia, um mexilhão abriu a sua casca e começou a apanhar sol. Quando uma ave passou e, ao vê-lo, voou rapidamente para bicar a carne do mexilhão, este fechou a casca e apertou o bico da ave.

A ave pensou: “Se não chover amanhã, o mexilhão vai morrer de sede. Ele tem que abrir a casca.”

E o mexilhão pensava: “Se não a soltar hoje ou amanhã, vai morrer de fome!”

Enquanto eles não abdicavam dos seus pensamentos e não se entendiam um ao outro, passou um pescador e prendeu-os, caçou-os.

Moral da história: A discussão e a teimosia não são positivas pois alguém ficará prejudicado.



Nezha e a tradição

哪吒的故事 - Nézhā de gùshì

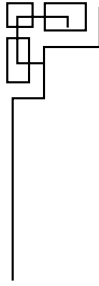
Wong Ka Ian (Nicole), Ao Lei (Isabel)

Numa pequena vila chamada Chen Tangguan, há um chefe e ele tem dois filhos adoráveis. Ele vive uma vida feliz, nada o preocupou durante três anos. Mas a sua esposa estava grávida há três anos e seis meses e a criança ainda não nasceu.

Uma noite, a sua esposa finalmente deu à luz, mas quando viu que Li Jing era uma almôndega, ele ficou muito decepcionado.

Deve ser um monstro, não posso deixar isto acontecer! Assim que Li Jing disse isto, ele pegou na sua espada e cortou a bola de carne. Não esperava que saísse de dentro da bola um rapaz gordo e branco.





O garoto estava com uma pulseira de ouro na mão esquerda e um texugo vermelho no estômago. Li Jing ficou surpreso e feliz quando o viu. O menino correu para os braços de Li Jing e tocou o rosto de Li Jing com a sua mãozinha carnuda. Li Jing cedeu de imediato, não pôde deixar de pegar na criança e mostrá-la à sua esposa. O casal alegrou-se ao ver o quão fofa a criança era.

Quando Nezha tinha 7 anos, algo aconteceu que mudou o seu futuro.

Nesse dia, o rei dragão ordenou aos patrulheiros que olhassem para o rio. Quando o homem viu uma criança no rio tomando banho, pegou no machado e cortou a criança.

No final, o patrulheiro foi morto por Nezha.

O Rei Dragão soube que Nezha havia matado o oficial da patrulha e ordenou que o terceiro príncipe fosse buscar Nezha.

— Criança! Porque mataste Tokai Yasha? — disse o príncipe Long, furioso.

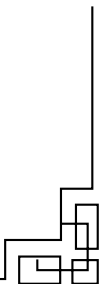
Eles acharam que era inútil continuar a falar e lutaram, e Nezha acidentalmente matou o terceiro príncipe.

Depois do terceiro príncipe morrer, ele tornou-se um dragão e, quando Nezha o viu, apertou uma faca e quis fazer um chicote.

O Rei Dragão sabia que o seu filho ainda estava apertado após a morte e decidiu ir processar isto ao imperador no Céu. O imperador no céu ordenou a prisão dos pais de Nezha. Assim que Nezha soube, ele foi resolver o incidente.

— Fiz todas essas coisas sozinho e só a mim pode punir. — Nezha disse-lhes para não incomodar os pais.

Então ele pegou a espada e cortou o pescoço.



Os amantes da borboleta

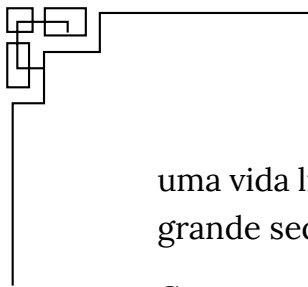
梁山伯與祝英台 - Liáng Shān Bó yǔ Zhù Yīng Tái

Lou Choi I (Rita)

Esta história passou-se há muitos, muitos anos, numa altura em que as mulheres ainda não podiam andar na escola. Vivia nessa época na China Antiga uma jovem de 15 anos, chamada Zhu Ying Tai, que queria romper com este costume injusto.

Zhu pertencia a uma família de ascendência aristocrata, os seus antepassados eram cavaleiros que tinham vencido várias batalhas importantes pelo reino. Tinha cabelos compridos e lisos. Quando ela se mexia, os cabelos pareciam uma cascata que descia pelas costas abaixo. Possuía um rosto de traços delicados, mas não era frágil como acontece frequentemente com as pessoas de ascendência nobre. Pelo contrário, era uma rapariga rebelde e, tal como os rapazes da sua idade, queria





uma vida livre e independente. Gostava de poesia e tinha uma grande sede de conhecimento.

Como queria aprender mais, Zhu pediu um dia ao pai para ir estudar na cidade.

– Pai, quero ir estudar para a cidade de Hang.

– Não, as raparigas não podem sair de casa.

– Vou vestir-me como um homem, ninguém vai reparar.

– Menina, estás a ser impulsiva e irracional!

– Pai, vou ficar ajoelhada aqui até aceites o meu pedido.

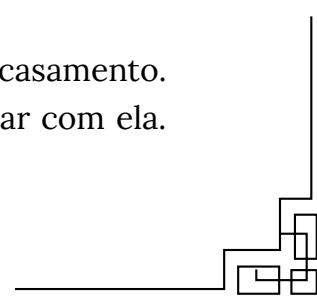
– Ai... se tu queres mesmo fazer isso, quem sou eu para te impedir. Mas tens de ter muito cuidado, não podes revelar o teu segredo por nada neste mundo.

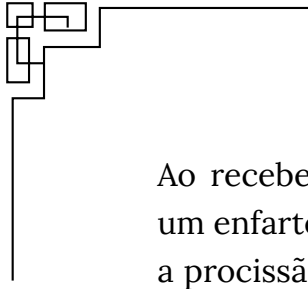
– Claro, pai. Ninguém vai saber que sou uma menina.

Assim, Zhu foi estudar para Hang. Quando andava na escola, encontrou Liang Shan Bo, um rapaz que tinha 16 anos e que vinha de uma família humilde. Liang era bonito, tinha olhos expressivos, possuía uma veia poética, era inteligente e carinhoso. Gostava de ajudar os outros sem pensar em si próprio. Por isso, às vezes, era explorado por quem agisse de má-fé.

A partir desse momento, eles estudaram juntos e Zhu apaixonou-se por Liang. Liang também se admirou com o conhecimento de Zhu, mas achava sempre que ela era um homem. Quando o curso acabou, eles tiveram de se separar. Zhu decidiu dizer a verdade a Liang. Liang ficou incrédulo por perceber que Zhu era uma mulher. Naquele momento, eles apaixonaram-se.

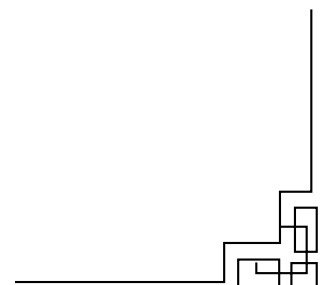
No entanto, o pai de Zhu não concordou com o casamento. Até já tinha encontrado um homem rico para casar com ela.





Ao receber a notícia, Liang ficou tão desesperado que teve um enfarte cardíaco e morreu. No dia do casamento de Zhu, a procissão de casamento passou pelo cemitério onde ficava a sepultura de Liang. De repente, levantou-se um vento forte que fez parar a procissão. Zhu afastou-se dos demais e correu em direção ao túmulo de Liang para matar saudades.

Subitamente, o túmulo abriu-se com um som de um trovão. Sem hesitação, Zhu saltou para dentro dele. Perplexas, as pessoas viram um par de borboletas a sair do túmulo e a voar em direção ao céu. As duas borboletas nunca mais se separaram.



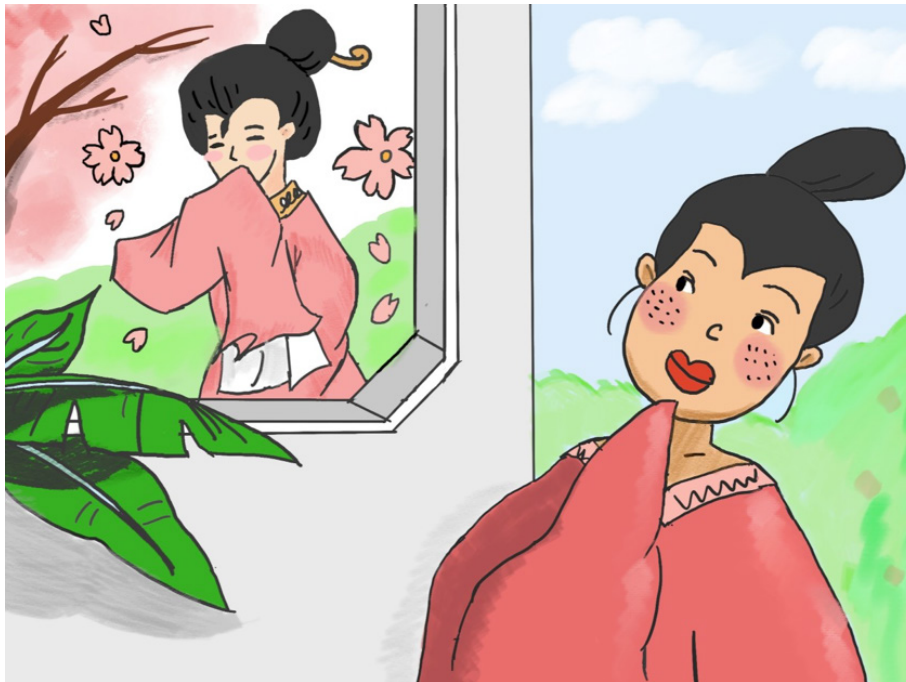
DongShi tenta imitar XiShi

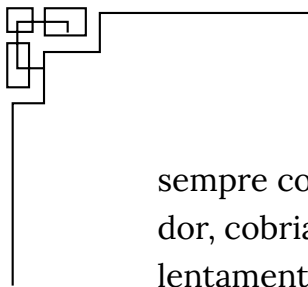
东施效颦 – Dōng Shī xiào pín

Cao Jingnan (Joana)

Numa época da história da China, chamada “o Período das Primaveras e Outonos”, havia uma aldeia, onde a vida corria alegremente e onde havia muitas árvores lindas e verdes. Nesta aldeia, vivia uma rapariga que se chamava XiShi. Ela era muito bonita e simpática e todas as habitantes da aldeia gostavam dela. A XiShi costumava lavar roupa à beira do riacho. Sempre que ela lavava as roupas, as pessoas sentiam-se atraídas pela sua beleza, e paravam de andar para a ver. Os peixes no rio, quando viam o reflexo dela na água, esqueciam-se de nadar e afundavam-se.

XiShi era uma rapariga diferente. Quando ela era criança, o seu corpo era fraco e, mesmo depois de crescer, continuou





sempre com uma dor no coração. Sempre que ela sentia essa dor, cobria o peito com as mãos, franzia a testa e voltava lentamente para casa. Quando as pessoas a viam, diziam com admiração:

– A XiShi é tão bonita, mesmo quando está encolhida!

O vizinho de XiShi também tinha uma filha, que se chamava DongShi. DongShi era muito feia e preguiçosa e as pessoas não gostavam dela. Ao ver que as pessoas elogiavam a beleza de XiShi, ela não se sentiu convencida e pensou: “A XiShi só é bonita por causa da sua doença! Ser bonita não é uma coisa muito difícil! Eu consigo ser igual a ela e, até, ser mais bonita do que ela.”

Por isso, a DongShi apertou a mão no coração, franziu a testa com força e pensou “estou tão bonita como a XiShi.”

Quando um dos seus vizinhos a viu, ficou confuso e perguntou-lhe:

– Ó Dong, o que é que está a fazer? Está doente?

DongShi respondeu, apertando o coração com a mão e franzindo a testa:

– Não acha que eu estou bonita assim?

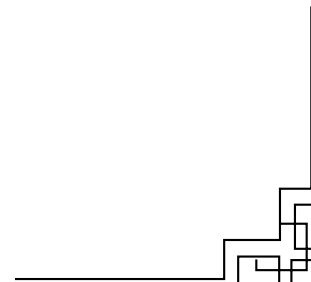
O vizinho continuou confuso, mas não disse nada.

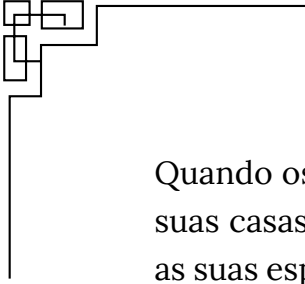
Quando uma das mulheres da vila viu a DongShi, sussurrou ao ouvido de uma idosa que estava ao seu lado:

– Olha, que estúpida! O que é que ela pensa que está a fazer? Quem é que ela pensa que é? É óbvio que se tornou ainda mais feia.

A idosa comentou em voz baixa:

– Pois é! Acho que ela não sabe o que é a beleza.





Quando os ricos da vizinhança viram a DongShi, fecharam as suas casas e saíram. Quando os pobres a viram, fugiram com as suas esposas e filhos para os campos. DongShi só sabia que XiShi era bonita quando franzia a testa, mas não sabia que a sua verdadeira beleza era interior. No fim, a DongShi não só não recebeu os elogios que estava à espera, como se tornou uma piada na boca de todas as pessoas da aldeia.

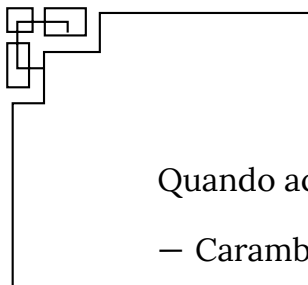
O Pan Ku, criador do mundo

盤古開天闢地 – Pán Gǔ Kāi Tiān Pì Dì

Wong Ka I (Karie)

Muito antes de o universo ter sido criado, não havia o céu e a terra, não havia os seres. Havia apenas escuridão e caos. Dentro do caos havia um ovo grande, que tinha sido chocado durante milhões de anos. Um dia, um homem chamado Pan Ku nasceu deste ovo. Pan Ku era um gigante, tinha quase 6 metros de altura, como um prédio de dois andares. Ele tinha cabelo preto, uma barba espessa, dois grandes olhos e um corpo mais forte do que um urso. Trazia na mão um enorme machado. Ele tinha estado a dormir neste ovo durante milhares e milhares de anos.





Quando acordou, ele disse:

– Caramba! Está tudo tão escuro aqui dentro e não consigo espreguiçar-me! Tenho de fazer alguma coisa para mudar esta terrível situação!

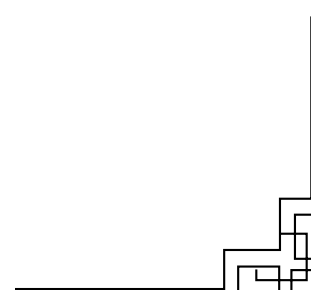
Então, ele partiu a casca do ovo com um golpe do seu machado e dividiu-o em duas metades. Estas metades chamavam-se o Yin e o Yang. O Yin, mais leve e mais claro, elevou-se e formou o céu, enquanto o Yang, mais pesado e mais denso, afundou-se e transformou-se na terra. Pan Ku estava no meio das duas metades, evitando que se juntassem novamente, pois ele sustentava-os com o seu corpo, dia após dia.

À medida que ele crescia, o céu ficava mais alto e a terra ficava mais lá no fundo. Depois de 18 mil anos, quando o céu não podia subir mais e a terra não podia descer mais, Pan Ku ficou finalmente descansado.

Nessa altura, ele exclamou:

– Estou exausto! Esgotei todas as minhas forças, acho que cumpri a minha missão.

A seguir, ele caiu e morreu. Depois da sua morte, o seu hálito tornou-se o vento e o suor caiu como chuva, o seu corpo transformou-se nas montanhas, o seu sangue tornou-se os rios, os seus músculos produziram a vegetação, o olho esquerdo deu origem ao sol e o direito, à lua, a barba formou as estrelas. Foi assim que se criou, segundo este conto tradicional chinês, o mundo que hoje conhecemos.



O idoso que vendia óleo

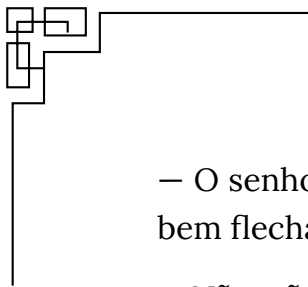
賣油翁 – Mài yóu wēng

Tang Kuok Ieng (Eliza)

Na China Antiga, havia um senhor que atirava muito bem flechas e que se chamava Chen Kangsu. Ele era, provavelmente o melhor atirador da altura e tinha muito orgulho nisso.

Uma vez, quando ele estava a praticar no seu quintal, um idoso que vendia óleo passou por ali. O idoso posou o jarro que trazia ao ombro e parou para ver o senhor Kangsu. O senhor Kangsu já tinha atirado mais ou menos dez flechas, nove das quais tinham atingido o alvo. Mas o idoso não o aclamou, nem aplaudiu, só acenou um pouco a cabeça. Como os criados do senhor Kangsu estavam a aplaudir em força o feito de Kangsu, a atitude do idoso parecia muito estranha.





– O senhor sabe atirar flechas? Não acha que eu atiro muito bem flechas? – perguntou o senhor Kangsu ao idoso.

– Não, não acho que o senhor atire assim tão bem, isso é tudo uma questão de prática. – respondeu o idoso.

– É incrível que subestime o meu talento! Tem alguma prova que mostre que é só uma questão de prática? – perguntou o senhor Kangsu zangado.

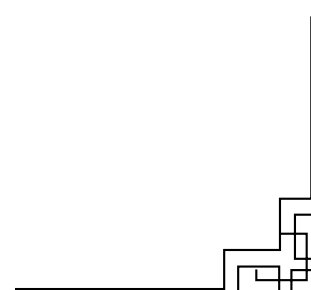
– Deixe-me servir-lhe um pouco de óleo que o senhor irá perceber logo de que estou a falar.

Em seguida, o idoso colocou uma garrafa feita de cabaça no chão, tapou o gargalo com uma moeda que tinha um pequeno furo no centro e começou a verter óleo do jarro para a garrafa com a ajuda de uma colher de pau. Para o grande espanto do senhor Kangsu, o óleo entrava pelo pequeno furo, sem molhar a moeda.

– Não tenho nenhum talento especial, disse o idoso, é tudo por causa da prática.

O senhor Kangsu sorriu e deixou o idoso ir embora.

Esta história diz-nos que a prática faz a perfeição. O senhor Kangsu atirava muito bem flechas, porque praticava todos os dias. O idoso sabia verter óleo sem molhar a moeda, porque ele fazia isso todos os dias. Por isso, todas as crianças devem lembrar-se de praticar as suas capacidades todos os dias, aperfeiçoando-as pouco a pouco. Também, nós não devemos ter demasiado orgulho nos nossos talentos, porque todos podemos praticar e aperfeiçoar as nossas capacidades.



O senhor Ye gosta de dragões

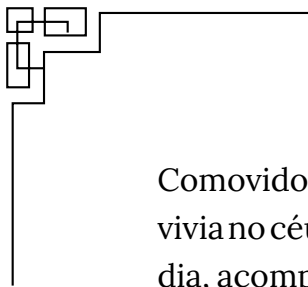
叶公好龙 – Yè gōng hào long

Qi TianYi (Aline), Mao Zhu (Cândida)

Quando alguém se vangloria de ser aquilo que não é realmente, ou quando as suas ações não correspondem ao que afirma fazer, os chineses costumam dizer, ironicamente, “O senhor Ye gosta de dragões”. Este provérbio, na verdade, provém de uma lenda muito antiga, que vos vamos contar aqui.

Era uma vez uma pessoa que se chamava senhor Ye. Ele era um general do Reino Chu durante o período de Primavera e Outono da China antiga. Era idoso, usava bigode e pertencia a uma família rica. Importa ressaltar, ainda, que tinha a mania dos dragões: vestia roupas bordadas com dragões, usava chapéus com dragões, bebia de taças com figuras de dragões... enfim, tudo o que ele tinha estava ornamentado com figuras de dragões.





Comovido por tão grande afeto, um dragão verdadeiro, que vivia no céu, decidiu descer à Terra para visitar o senhor Ye. Um dia, acompanhado de nuvens escuras, trovões e relâmpagos, o dragão aproximou a cabeça da janela do senhor Ye, deixando a enorme cauda no jardim e gritou:

— Está em casa, senhor Ye?

Ao ver o dragão verdadeiro, o senhor Ye começou a tremer e bradava com medo:

— Ahhh... um monstro!!!

E depois fugiu apavoradamente.

O dragão sentia-se estranho e perguntou-lhe:

— Porque é que acha que sou um monstro? Sou o seu dragão favorito!

O senhor Ye estava a tremer pelo corpo todo e respondeu:

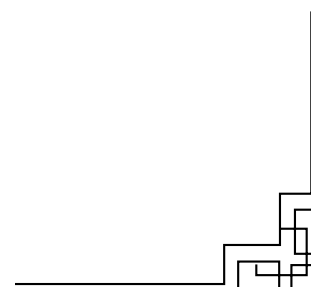
— Eu só gosto de dragões a fingir, mas não de dragões verdadeiros! Ajudem-me!

Depois, fugiu para fora de casa.

Senhor Ye deixou o dragão verdadeiro plantado no jardim, que se queixava desesperadamente:

— O senhor Ye não gosta nada de dragões! Ele, na verdade, tem medo de dragões. Quem poderia imaginar tal coisa?

Desta lenda nasceu o provérbio “O senhor Ye gosta de dragões”, para apontar o dedo a quem diz gostar de alguma coisa quando, na realidade, quer apenas exhibir-se.



À espera do coelho

守株待兔 - shǒu zhū dài tù

Leong Hao Wai (Ângela), Sio Weng Ian (Nicola)

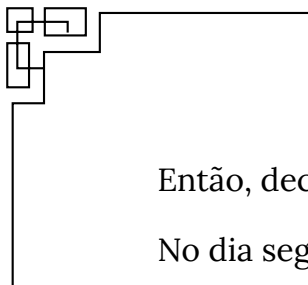
Antigamente, havia um agricultor que plantava trigo. Ele era jovem. As suas sobrancelhas eram muito grossas. Ele tinha olhos amendoados e uma longa barba. As suas unhas eram pretas e a sua pele era bronzeada. Também tinha a cara cheia de sardas, porque trabalhava sempre ao ar livre. Ele queria melhorar a sua vida, no entanto, era muito preguiçoso e medroso. Ele não conseguia fazer nada na vida.

Um dia, quando terminou o trabalho e estava junto de uma árvore a descansar, ouviu subitamente alguém a caçar. De seguida, apareceu um coelho a correr na direção da árvore. Ao bater nesta, morreu.

O agricultor disse, muito contente:

– Mas que bom! Com a sorte que eu tenho não preciso de fazer nada!





Então, decidiu levar o coelho para casa.

No dia seguinte, quando decidiu ir para o trabalho, pensou:

– Como é cansativo trabalhar, não nasci para isto! Com a sorte que tenho posso sentar-me debaixo de uma árvore e esperar por outro coelho.

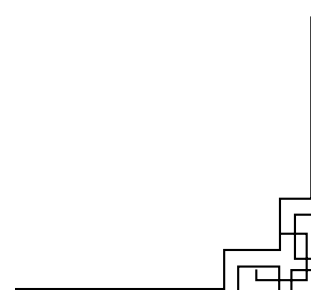
Assim, ele foi para junto da árvore e não fez nada. À medida que o tempo passava, o sol pôs-se. O homem, como já estava com fome, disse amargamente:

– Ó meu Deus! Porque é que ainda não vieram esses coelhos? Já estou aqui à espera há um século. Estou a morrer de fome. Coitado de mim...

Todos os dias, este homem pouco inteligente esperava que um coelho viesse até à árvore. Por isso, o campo de trigo ficou abandonado.

Por fim, não apareceu mais nenhum coelho, como tal, o homem estava a morrer de fome...

Temos uma moral para esta história: Não podemos ter a mentalidade deste jovem agricultor. Sem trabalhar não é possível ter resultados. Não devemos ser pessoas preguiçosas.



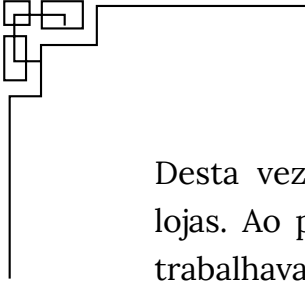
A mãe de Meng muda de casa por três vezes

孟母三迁 – Mèng Mǔ Sān Qiān
Li JunXia (Bela)

Meng Zi foi um grande pensador durante o Período dos Reinos Combatentes da China Antiga. No entanto, a sua infância não foi feliz: por causa da morte do seu pai, ele teve de viver só com a mãe e eles tiveram dificuldades financeiras. Felizmente, Meng era uma criança inteligente e tinha uma capacidade de aprender rapidamente, a sua mãe punha uma grande esperança nele.

No início, como a família não tinha muito dinheiro, Meng e a sua mãe só podiam viver num lugar remoto, que ficava numa montanha, ao lado de um cemitério. Desta forma, Meng podia sempre ver os funerais e ele começou a imitar os rituais de enterro. A sua mãe viu e ficou preocupada. Por isso, ela decidiu mudar de casa.





Desta vez, a casa ficava num mercado onde havia várias lojas. Ao pé da casa, localizava-se um ferreiro. Os homens trabalhavam o ferro todo o dia. Depois de ver isso, Meng ficou interessado em trabalhar o ferro. Ele faltou à escola e foi ao ferreiro para ver e aprender.

Um dia, quando a mãe passou no ferreiro, ela viu o seu filho e disse-lhe num tom zangado:

– O que estás a fazer aqui?

– Eu já aprendi a trabalhar o ferro como o ferreiro!

– Faltas à escola só para isso? Ouve lá menino, isso de brincar e faltar à escola é muito giro, mas a tua vida assim não vai dar em nada! Nunca ouviste dizer de pequeno é que se torce o pepino?

A seguir, a mãe saiu zangada e pensou que era necessário mudar de casa novamente.

No dia seguinte, eles partiram. No caminho, passaram por uma escola, onde estavam muitos jovens a ler poemas. A mãe parou e pensou que era um lugar perfeito para morar, porque já sabia que o seu filho gostava de imitar. Se morassem aqui, perto de um ambiente escolar, talvez Meng fosse começar a estudar. Depois de uma semana, tal como a mãe tinha imaginado, Meng estava com interesse para estudar, o que finalmente fez a mãe feliz.

Com a ajuda da sua mãe, Meng, quando cresceu, tornou-se uma pessoa influente, que contribuiu muito para a cultura chinesa.

Este conto diz-nos que o ambiente onde se estuda é importante. Um bom exemplo na nossa vida atual é quando estamos na biblioteca, somos mais eficientes no nosso estudo.

A lebre preparou um remédio celestial

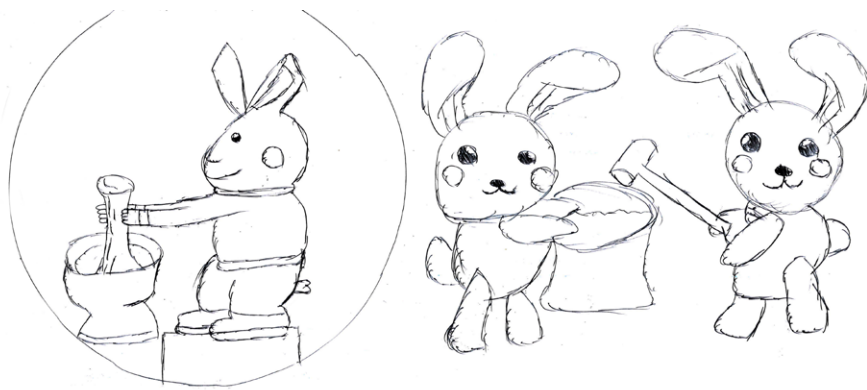
玉兔搗藥 - yùtù dǎo yào

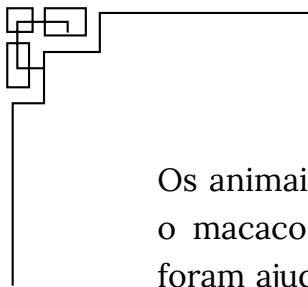
Chan Hong Pan (Raimundo), Chan Ou Pou (Álvaro)

Esta história passou-se há muito tempo, quando havia muitos deuses a viver no céu. Eles deram o elixir da vida eterna aos humanos, mas os seres humanos eram muito inteligentes e sabiam usar pequenos meios. Era perigoso manter essa posição. Portanto, o Imperador Jade enviou três deuses ao mundo para selecionar o animal mais adequado.

As três divindades transformaram-se em três homens idosos. Eles decidiram tentar a sua sorte na floresta. Então, sentaram-se no chão da floresta e começaram a gritar:

— Por favor, ajudem-nos a encontrar um pouco de comida na floresta para comermos. Não comemos há três dias e não temos energia para encontrar comida.



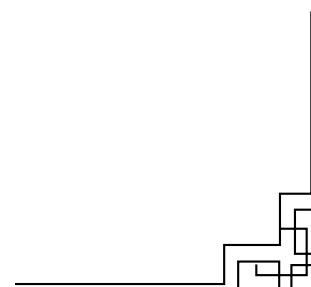


Os animais ouviram o pedido de ajuda. Entre eles, a raposa, o macaco e o coelho foram particularmente simpáticos e foram ajudar os três homens idosos. A raposa encontrou um pouco de mandioca e o macaco encontrou frutas. O coelho, infelizmente, não encontrou nada para comer.

O coelho voltou para os três idosos e vendo-os comer mandioca e frutas, sentiu-se culpado e triste. O coelho disse-lhes então:

— Embora eu não tenha comida, vocês podem comer-me.

Os deuses sentiam-se muito admirados quando ouviram o coelho dizer isso. Como tal, decidiram levar o coelho para a lua. O coelho transformou-se numa lebre, que tem acompanhado Chang-E até agora, sendo responsável por fazer o elixir da vida eterna.



O poema de Hua Mulan

花木兰 - Huā mùlán

Lo Ka Wai (Mariana), Lou Weng Kei (Chloe)

Na dinastia Uei do Norte, havia uma menina que se chamava Hua Mulan. Mulan era uma menina ambiciosa. Ela era forte porque tinha aprendido Kung Fu com o seu pai. Tinha olhos pequenos. As suas sobrancelhas eram arqueadas. Tinha um nariz espetado e lábios grossos. Tinha a pele bronzeada. Ela era decidida e inteligente porque se vestiu de homem durante 12 anos, mas ninguém a descobriu. Ela foi uma famosa heroína de guerra.

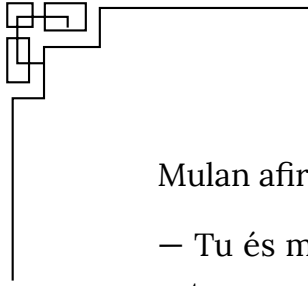
Um dia, o rei estava a recrutar homens para a guerra.

O seu pai disse:

—Eu recebi uma carta que me obriga a ir para a guerra.

O pai de Mulan também deveria ir. E conversaram sobre isso.





Mulan afirmou:

– Tu és muito idoso, por isso não podes ir para a guerra. Eu estou preocupada. Deixa-me pensar numa solução.

O seu pai respondeu:

– Não há solução possível. É preciso ir para a guerra e ponto final.

Mulan insistiu:

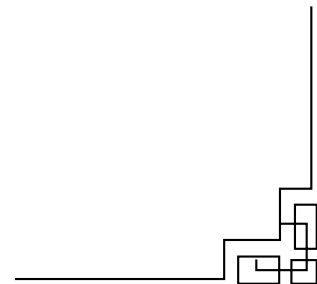
– Eu substituo-te e vou para a guerra em teu lugar.

No dia seguinte, ela vestiu-se de homem, saiu de casa e foi para a guerra.

A guerra durou 12 anos, mas finalmente acabou. Durante a guerra, ela lutou com muita coragem, por isso, foi condecorada pelo imperador, recebeu muito ouro e passou a trabalhar como membro do governo. No entanto, Mulan recusou tudo isso, pedindo apenas um cavalo para voltar para casa.

Depois de voltar para casa com os restantes camaradas de guerra, ao vê-la vestir-se de mulher, os camaradas assustaram-se. Apesar de lutarem todos juntos durante 12 anos, ninguém sabia que ela era uma mulher.

A piedade filial dela, ou seja, a dedicação à família, é, ainda hoje, elogiada por toda a gente.



Meng Jiang chora na Muralha da China

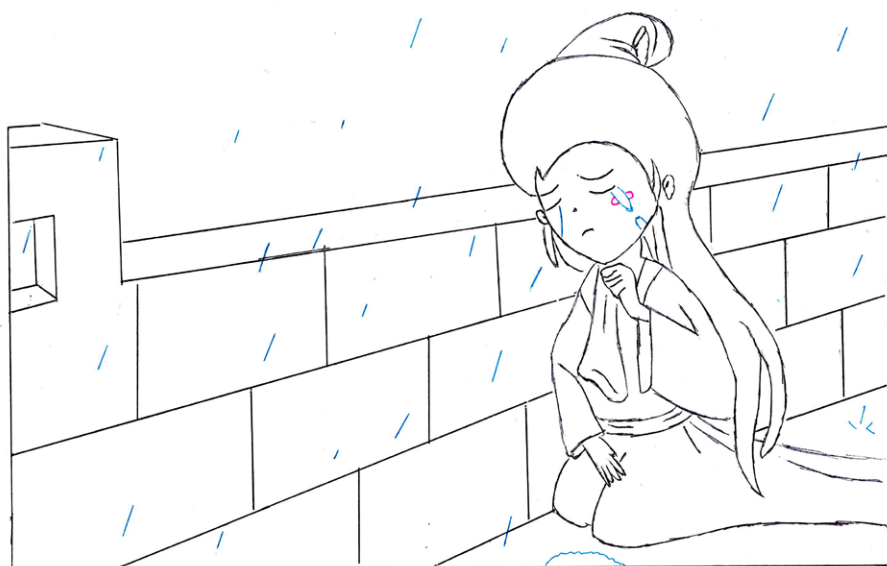
孟姜女哭崩长城 - Mèngjiāngnǚ kū bēng
chángchéng

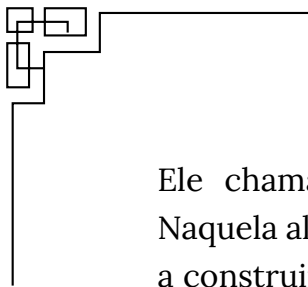
Sio I Man (Josefina)

Na dinastia Qin, havia uma mulher bonita que se chamava Meng Jiang. Ela era muito bonita, tinha olhos grandes e vivos e gostava de sorrir. No entanto, pouco tempo depois de se casar, tornou-se mais pobre do que qualquer outra pessoa, porque o seu marido morreu. A relação com o marido era muito importante para ela. Mas ela também mostrou que podia ser brava, mais brava que uma barata, porque superou muitas dificuldades sozinha. Vamos ver.

Um dia, quando Meng Jiang estava a cuidar do jardim, apercebeu-se que havia um homem escondido debaixo de uma árvore. Meng Jiang pensou em gritar, mas o homem pediu-lhe:

— Não grite, por favor, salva-me!





Ele chamava-se Fan e estava a passar por dificuldades. Naquela altura, o imperador de Qin era muito cruel. De forma a construir a Muralha da China, estava a obrigar as pessoas a trabalhar, até morrerem. Meng Jiang salvou o Fan e amou-o. Mais tarde, casaram-se.

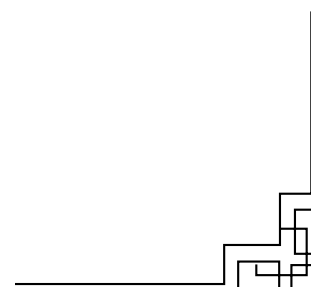
De repente, no dia do casamento, um grupo de soldados entrou em casa e obrigou Fan a ir para a Muralha. Passados três anos, Meng Jiang estava muito triste, zangada e com saudades do marido, porque já não o via há muito tempo. Como tal, pensou em ir à Muralha buscá-lo. Arrumou as suas coisas e partiu.

Pelo caminho, teve muitas dificuldades, mas Meng Jiang não chorou, e apesar de algumas aventuras, chegou ao seu destino. Naquela altura, a Muralha já estava quase acabada, mas ela ainda não tinha encontrado Fan.

Meng perguntou às pessoas: — Conhece Fan? Sabe onde é que ele está?

As pessoas disseram: — Fan morreu, o ano passado.

Depois de ouvir esta notícia, chorou durante muito tempo. De repente, o vento soprou com muita força e a Muralha desabou. Lá estava o corpo do Fan, misturado com as pedras. Ao ver o corpo do Fan, chorou sobre o corpo dele. Apesar de ela ter encontrado o querido marido, eles não puderam mais ficar juntos. Fan já estava morto, devido à crueldade do imperador de Qin.



Song Dingbo capturou um fantasma

宋定伯捉鬼 - Sòngdìngbó zhuō guǐ

Lao Sui Kei (Mia), Lao Ka In (Teresa)

Esta história passou-se há mais de mil anos, na Dinastia Jin. Um dia à noite, um jovem que se chamava Song Dingbo encontrou um fantasma no campo, na Região de Nanyang, que fica no sul da China, na Província de Henan. Então, Song Dingbo perguntou ao fantasma:

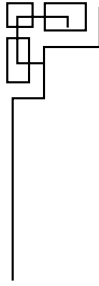
– Quem és tu?

E logo o fantasma respondeu:

– Eu sou um fantasma. E tu?

–Que engraçado! Eu também sou um fantasma. – mentiu-lhe, calmo.





E logo Song Dingbo respondeu:

– Olha, vou à cidade de Yuan.

– Mas que coincidência, eu também vou. Que tal irmos juntos?

– disse o fantasma.

Andaram juntos algumas milhas. De repente, o fantasma sugeriu:

– A caminhada é muito cansativa. Se calhar, podemos revezar-nos carregando o outro às costas. Está bem?

– Claro! – concordou Song Dingbo.

Primeiro, o fantasma carregou o Song Dingbo às costas durante algumas milhas. Passado algum tempo, perguntou-lhe duramente:

– Tu és... muito pesado. Não és fantasma, é isso?

– Só morri há pouco tempo, e por isso, o meu corpo é mais pesado. – explicou Song Dingbo.

Foi a vez de Song Dingbo carregar o fantasma. O fantasma quase não tinha peso nenhum. Era muito fácil transportá-lo.

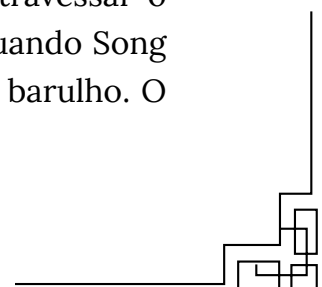
Várias vezes se revezaram, carregando o outro às costas. Song Dingbo disse novamente:

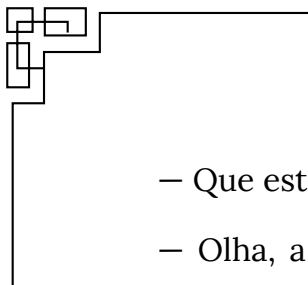
– Como só morri há pouco tempo, tenho uma dúvida. Não sei do que é que os fantasmas têm medo.

E logo o fantasma respondeu:

– Olha, não gostam de saliva das pessoas.

Assim, continuaram a andar juntos. No caminho, encontraram um rio. Song Dingbo cedeu ao fantasma para atravessar o rio primeiro e não ouviu nada da água. Depois, quando Song Dingbo atravessou o rio, a água começou a fazer barulho. O fantasma perguntou-lhe:

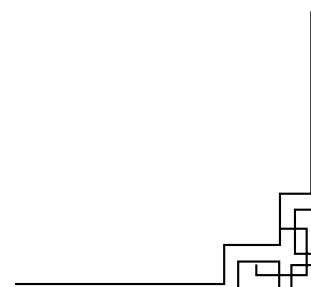


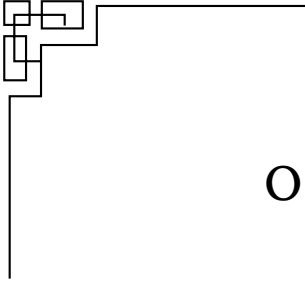


– Que estranho. Porque é que a água fez barulho?

– Olha, a razão é muito simples: como só morri há pouco tempo ainda não estou habituado à forma como os fantasmas atravessam o rio. Não precisas de ficar tão curioso, amigo fantasma. – explicou Song Dingbo.

Continuaram o caminho, até chegar quase à cidade de Yuan. Song Dingbo capturou o fantasma e carregou-o aos seus ombros. O fantasma ficou apavorado e imediatamente começou a gritar com a boca bem aberta. Suplicou-lhe para o libertar. Song Dingbo ignorou-o e continuou a transportá-lo aos ombros. Só o colocou no chão quando chegaram à cidade de Yuan. Aí, o fantasma transformou-se de repente num bode. Song Dingbo, no entanto, foi inteligente e vendeu-o na feira. Para ter a certeza de que o bode não se iria transformar outra vez, cuspiu-lhe para cima, para o seu corpo. Ganhou mil e quinhentos cash (uma moeda antiga chinesa) com a venda e saiu da cidade de Yuan todo contente.





O monstro do ano novo chinês

年兽 - Nián shòu

Lao Chi Wai (Henrique)

Antigamente havia um monstro na China que se chamava “Ano”.* Vivia no fundo do mar e, todas as vésperas do ano novo chinês, subia à terra para comer as pessoas. Portanto, quando chegava a véspera do ano novo, os idosos e as crianças da aldeia iam sempre para dentro da montanha para não serem comidos pelo Ano.

Aldeãos: Vamos para dentro da montanha. O Ano vai chegar amanhã.

Menino: Avó! Vamos lá! O Ano vai chegar em breve.

Avó: Sim, sim. Estou a arrumar as minhas coisas e preparar a comida e a água.

Nesse momento, apareceu na aldeia um homem pobre...

Pobre: Olhem, onde é que vocês vão?

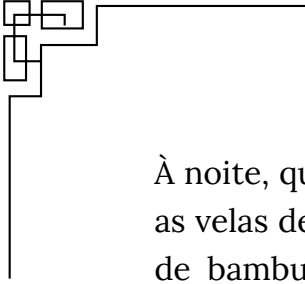
Avó: Vamos à montanha por causa do Ano. Não quer ir também?

Pobre: Não, não vou. Só quero ficar aqui. Não me podem deixar ficar na vossa casa por uma noite? Eu ajudo-vos a afastar o Ano, sei como é que se faz.

Avó: Isso é impossível. Venha mas é connosco.

O pobre continuou a falar com a avó, mas a avó já não quis falar mais com ele e ignorou-o.

* Em chinês, a palavra “Nian” tanto significa “monstro”, como “ano” ou “ano novo” (nota dos editores).



À noite, quando o Ano chegou, o pobre tinha acendido todas as velas de cera que havia na aldeia. Queimou também canas de bambu que, por estarem muito secas, faziam um som explosivo. A seguir, o Pobre colou papéis vermelhos nas portas. Quando o Ano apareceu, viu as luzes e os papéis, ouviu o som das canas e ficou muito assustado. Depois fugiu e não voltou mais.

No dia seguinte, os aldeões voltaram e falaram com o Pobre.

A Avó perguntou, espantada: — Porque é que ainda está aqui e não foi comido pelo Ano?

O Pobre respondeu: — Já vos disse que eu sei como o afastar.

A Avó disse ainda: — Peço desculpa por não o ter deixado ficar na minha casa.

O Pobre apenas sorriu e não disse nada.

A Avó questionou-o: Então, pode dizer-nos como é que se faz para assustar o Ano?

— Claro, sou pobre, mas muito simpático. O Ano tem medo do som de bambu a estalar, de papéis vermelhos e de luzes. Vocês devem queimar bambus, colar papéis vermelhos na porta e acender velas de cera, que o Ano vai-se logo embora. — explicou o pobre.

A Avó agradeceu generosamente: Muito obrigada. Aqui está alguma comida e água para si.

O Pobre não quis aceitar a oferta, saiu da aldeia a rir e desapareceu. Os aldeãos acharam que o Pobre tinha sido mandado pelos deuses para os ajudar. Desde então, começaram a tratar muito bem as pessoas de fora da aldeia. E este método de afastamento do monstro espalhou-se rapidamente por toda a China. Mantém-se até hoje e faz parte das festividades do Ano Novo Chinês.

O sapo no fundo do poço

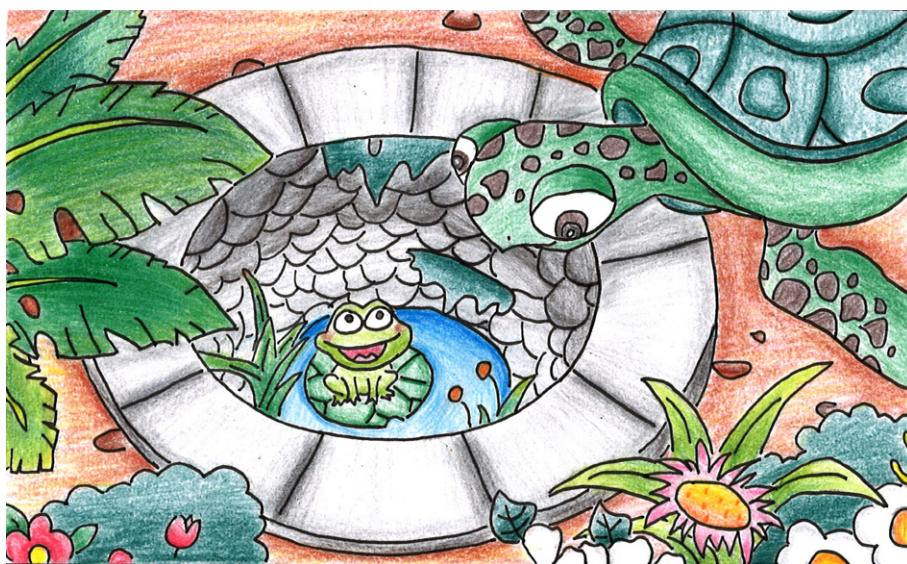
井底之蛙 - Jǐng dǐ zhī wā

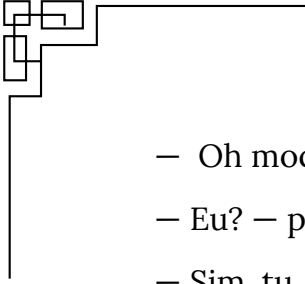
Tang Hoi U (Rita), Pat Ka Kio (Patrícia)

Um sapo que vivia no fundo de um poço era tão ignorante do que ia pelo mundo, que achava que o poço era todo o mundo. Também era vaidoso, considerava sempre que o que ele possuía era o melhor no mundo.

Certo dia, uma tartaruga quis ficar bronzeada e decidiu dar uma volta ao longo da costa. Depois de tomar o seu banho de sol, ficou com muita sede. Felizmente, viu que havia um poço logo ali perto e decidiu ir beber um bocadinho de água.

Era precisamente nesse poço que o sapo vivia. Ele estava a dormir a sesta. De repente, foi acordado pelo som de passos pesados. Olhou para cima e descobriu que era a tartaruga que passava junto do seu poço. Depois, eles começaram a conversar e o sapo gabou-se da sua vida.



- 
- Oh moço, olha aqui para mim. – chamou o sapo.
- Eu? – perguntou-lhe a tartaruga.
- Sim, tu. – disse o sapo.
- Não sou nenhum moço. Sou uma tartaruga. – disse a tartaruga.
- Tanto faz. Convido-te a entrar no meu palácio. – propôs-lhe o sapo.
- Palácio? Deves estar a gozar, isto aqui é só um poço. – disse a tartaruga, acrescentando:
- Ninguém brinca contigo. Porque é que não sais daí? Podemos pular na água, se quiseres, fazer natação e, ainda há termas, quando estamos cansados, podemos descansar um pouco na pedra.
- Olha, estou tão feliz aqui no meu palácio. – disse o sapo.

Depois de ouvir o sapo, a tartaruga quis entrar e ver como era o ambiente no interior do poço. Mas o seu joelho direito ficou preso. Ela hesitou e recuou, falando ao sapo sobre o mar.

– Que pena! Achas que o teu poço é o mundo todo? Parece que o teu conhecimento é realmente pouco. – disse a tartaruga.

– Mas que comentário tão abominável. E tu? Como é a tua vida? A tua casa é tão grande como a minha? Será a tua vida tão agradável como a minha? – perguntou-lhe, irritado.

– Sem dúvida nenhuma. Nunca assististe à beleza do mar, pois não? Nem a altura de mil poços te pode dar uma ideia da profundidade do mar. A dimensão do mar é ilimitada. No mar, tenho muitos amigos. Às vezes, até ando à boleia com uma baleia, é tão engraçado. Lá fora é que fica o mundo real! – explicou a tartaruga.

O sapo acabara de entender a explicação da tartaruga. Ficou surpreso e deu o braço a torcer. De repente, sentiu-se minúsculo, como um grãozinho de areia.



O Kong Rong partilhou as peras

孔融让梨 - Kǒng róng ràng lí

U Peng Tat (Pedro), Yang Haobo (Martin)

Era uma vez um menino que se chamava Kong Rong e que era o mais novo na sua família. Vivia com os seus pais na província de Shandong no leste da China.

Esta história passou-se no dia de aniversário do pai de Kong Rong. Era um dia bom. O tempo estava bom, o céu estava lindo e havia pouco vento. Havia uma festa no jardim de casa do Kong Rong. O pai estava sentado à mesa e os irmãos estavam a brincar. Quando a mãe do Kong Rong estava a preparar a festa, disse-lhe:

— Podes ajudar-me a distribuir estas peras pelas pessoas da família?

— Claro que sim. — respondeu Kong Rong.

Ele descobriu que o tamanho das peras não era igual. Decidiu, então, oferecer as peras maiores às pessoas mais velhas. Como era o mais novo da família, o Kong Rong tirou a pera mais pequena para ele. As restantes peras, partilhou-as com as outras pessoas, segundo a idade de cada um.

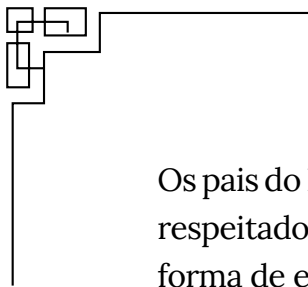
Os seus pais receberam as peras maiores, porque já eram idosos. Ficaram muito contentes e perguntaram:

— Porque é que tu tiveste esta ideia? São só peras.

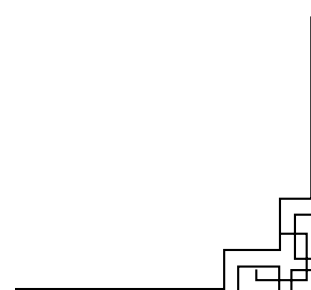
— Porque todas as coisas devem ser feitas com perfeição e isto é um exemplo.

— Uau, que giro.

Kong Rong sorriu e a sua cara ficou vermelha como uma maçã.



Os pais do Kong Rong acharam que ele tinha sido um rapaz muito respeitador, mas os seus irmãos pensaram que tudo isto era uma forma de ele mostrar a sua inteligência e ficaram sem palavras.



Houyi atira flechas aos sóis

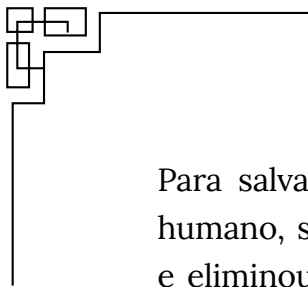
后羿射日 - Hòu yì shè rì

Hou Si Yu (Alexandra), Lei Hoi Ian (Juliana)

Há muitos anos, durante o período antigo dos cinco imperadores, os chineses acreditavam que existiam dez sóis, um para cada dia da semana (a semana chinesa possuía dez dias). Havia, nessa altura, na China um herói que se chamava Houyi. Primeiro, Houyi vivia num palácio, mas depois foi residir para o campo. Ele era uma figura mítica e ele tinha o talento de atirar flechas.

Um dia, de repente, houve uma seca muito grande na terra, e o calor assava quase tudo, porque havia dez sóis no céu ao mesmo tempo. Neste momento, os humanos estavam desesperados e tristes, os grãos nos campos não conseguiam ser colhidos e os rios estavam quase completamente secos. Toda a gente vivia com muitas dificuldades todos os dias.



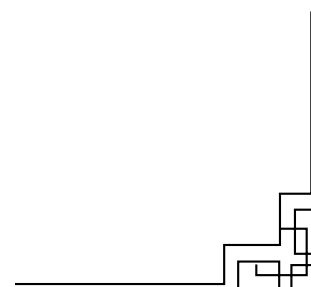


Para salvar as pessoas que viviam na terra, Houyi, o herói humano, subiu a uma montanha e atirou flechas a nove sóis e eliminou-os, um após o outro. Apenas deixou um sol para iluminar a terra. Por isso, a temperatura finalmente ficou mais baixa.

Quando Houyi pensou que podia ter uma vida melhor, Yu, o pai dos sóis, ficou furioso e disse a Houyi:

— Apenas fizeste uma boa ação para as pessoas, não podes voltar ao palácio novamente porque mataste os meus filhos!

Portanto, Houyi só podia ficar entre o povo e, nunca mais pôde voltar ao palácio. A partir desse dia, ele passou a viver na terra.





Sima Guang destrói o tanque de água

司马光砸缸-Sīmǎ guāng zǎ gāng

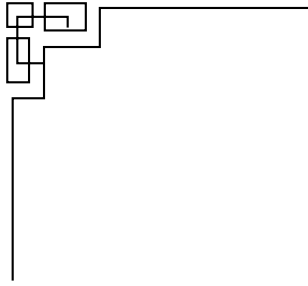
Wong Hiu Kan (Gabriela)

Há muitos muitos anos, vivia na província chinesa de Honan um escritor chamado Sima Guang. Ele tinha o cabelo preto e comprido. A sua cara era redonda. A sua testa era alta e o nariz elegante. Tinha olhos pequenos e sobrancelhas direitas e finas. A sua boca era grande. E esta história aconteceu durante a infância de Sima Guang, quando tinha mais ou menos sete anos.

Um dia, Sima Guang estava a brincar com algumas crianças no parque. Uma das crianças subiu ao tanque e caiu na água. A criança disse:

– Ajudem-me! Ajudem-me!”

Quando as outras crianças a viram, desistiram e fugiram. Além de Sima Guang, ninguém foi ajudar aquela criança. Sima Guang lembrou-se que podia destruir o tanque. Ele procurou uma pedra grande. Depois, Sima Guang destruiu o tanque com a pedra. A água saiu do tanque e a criança foi salva.

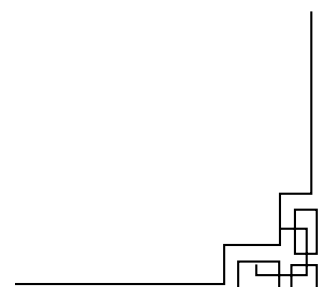
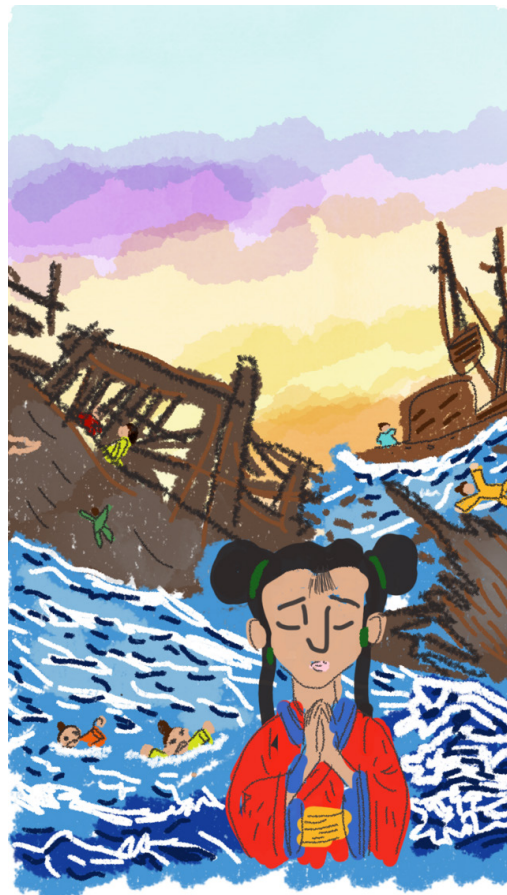


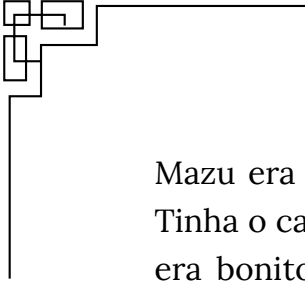
A história de Mazu

妈祖的故事- Māzǔ de gùshì

Fung On Cheng (Olívia)

Mazu, que significa “mãe ancestral”, é uma deusa do oceano da mitologia chinesa. É famosa em Taiwan e na costa sudeste da China. Mazu era inicialmente uma mulher, que nasceu no sul da China continental em 960, durante a dinastia Sung, na Ilha Meizhou, Fujian. O nome verdadeiro de Mazu era “Lin Moliang”. O nome “Mo” significa “silencioso”, porque ela nunca chorou antes de ter um mês de idade.





Mazu era uma mulher jovem, elegante e de estatura média. Tinha o cabelo preto, comprido e com madeixas. O seu rosto era bonito e redondo. A sua testa era alta. Tinha os olhos grandes, claros e amendoados. As suas sobrancelhas eram direitas e finas. A boca era grande e os lábios eram finos.

Quando Mazu tinha 16 anos, um dia de tarde, ela tinha ficado a tecer em casa com a sua mãe, enquanto o seu pai e o irmão foram ao mar para pescar. De repente, ela parou o que estava a fazer e a sua mãe deu-lhe uma palmadinha. Ela gritou:

— Ai!

E explicou que tinha ficado emocionada com algo que viu na sua imaginação e disse, chorando:

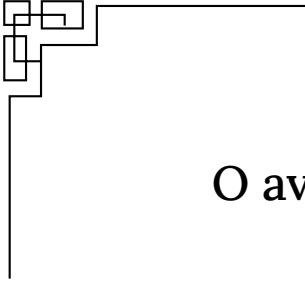
— O pai e o irmão sofreram um naufrágio no mar, eu fui ao mar e salvei-os. Prendi o pai pela mão e agarrei a roupa do irmão com a boca. Mas a boca abriu-se e ele caiu ao mar.

No dia seguinte, o pai regressou do mar e disse:

— O teu irmão morreu num naufrágio.

Quando a mãe ouviu isso, contou ao pai o que tinha acontecido à Mazu no dia anterior.

O pai pensou: “É por isso que me lembrei de ver uma jovem rapariga no meio do mar.”



O avô estúpido move as montanhas

愚公移山 - Yú gōng yí shān

Cheok Ka Chen (Silviano)

Havia, há muito anos, uma vila pequena no sul da China, na margem do rio Huang. Vivia, nessa vila, um idoso, chamado avô Yu (a pronúncia da palavra “estúpido” em chinês tem o mesmo som que o nome “Yu”). Ele estava cheio de cabelos brancos, já tinha 90 anos. Era uma pessoa energética e bem-humorada, que morava com a sua família. Encarregava-se de uma atividade que muitos idosos não conseguem fazer, que era cozinhar para todos os familiares. Uma desvantagem da vila foi não haver nenhum mercado para comprar ingredientes para fazer comida. Se quisesse ir ao mercado mais perto, o avô tinha de dar uma volta, contornando as duas montanhas que ficavam à frente da vila. Demorava quase meia hora na ida e outra meia hora na volta.

Num dia como qualquer outro, em que o tempo estava bom e o vento soprava, o avô fez o que fazia diariamente, que era ir ao mercado. Mas no caminho para casa, sentiu-se muito cansado. Nessa noite, não conseguiu adormecer, pensou no assunto que tinha acontecido e teve uma solução para se ajudar a si próprio e também aos outros aldeãos.

No dia seguinte, levantou-se muito cedo, foi à arrecadação da sua casa e tirou algumas ferramentas. Depois, pôs-se a caminho em direção às duas montanhas. No caminho, encontrou um vizinho seu e conversou com ele.

O Vizinho perguntou:

— Porque é que estás com uma enxada na mão?



Ao que Avô respondeu com uma voz firme:

—Decidi destruir estas montanhas!

E o Vizinho disse: A sério? Tu? Tu és muito velho e sentes-te logo cansado quando fazes exercício físico?

O Avô confirmou:

—Sim, canso-me facilmente, isso é verdade.

Vizinho: Há ha! És tão estúpido, com o pouco tempo e força que te restam não consegues remover coisa nenhuma destas montanhas, nem sequer um bocado de relva.

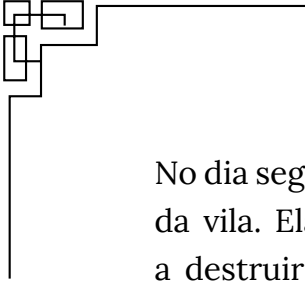
O Avô firmemente respondeu: Tens razão, mas a pessoa estúpida aqui não sou eu, és tu. És muito inteligente, com a força que me resta, claro, não consigo. Mas mesmo que morra, ainda tenho os meus filhos, nascem os meus netos, e eles vão ter a próxima geração, a minha prole é infinita, já pensaste nisso! As montanhas vão aumentar? Não, não vão aumentar nem em altura, nem em tamanho. Porque hei de ter medo de não as conseguir remover?

O Vizinho espantado disse:

—Estás maluco de todo! Não quero falar com uma pessoa sem cérebro!

O avô começou a escavar a base da montanha e continuou durante um mês inteiro. Infelizmente, partiu o braço e ficou doente. Mas por causa da sua vontade em facilitar a vida dos outros, suportava valentemente a dor e continuava o seu enorme trabalho. Finalmente, sucumbiu e os familiares tiveram de o levar para casa.

As suas ações amoleceram o duro coração de Deus. Numa noite, quando todo estavam a dormir, veio para a terra e realizou um milagre, removendo as duas montanhas.



No dia seguinte, o avô foi acordado com o aplauso das pessoas da vila. Elas pensavam que tinha sido o avô e a sua família a destruir as montanhas e foram à sua casa mostrar a sua gratidão. A seguir, a vida das pessoas ficou mais fácil e só demoravam quinze minutos para ir da vila ao mercado. Pouco tempo depois, o avô morreu. Para recordar o seu contributo, foi erguida uma estátua com a sua cara no centro da vila.

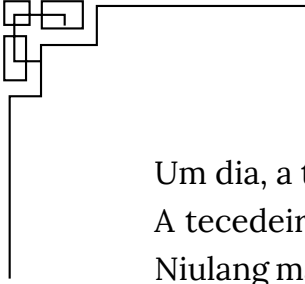
A tecedeira e o vaqueiro

牛郎织女 – Niúláng zhīnǚ

Fong Chi Ieng (Cristina), Leong Ka I (Regina)

Há muito tempo, havia uma tecedeira, que vivia no céu e tecia muito bem. Era uma neta bonita e elegante do imperador Jade. Tinha cabelo comprido e preto. Os seus olhos eram grandes. Vestia sempre um vestido de seda. Era uma pessoa que buscava a liberdade e a felicidade. Era também corajosa e fiel. Havia também, nessa época, um órfão muito infeliz na terra que se chamava Niulang. Os seus pais tinham morrido muito cedo por isso ele morava com o seu irmão e a sua cunhada, mas eles eram antipáticos. Eles abusavam sempre de Niulang e forçavam-no a fazer muito trabalho. Passado algum tempo, expulsaram mesmo o Niulang de casa.





Um dia, a tecedeira decidiu descer ao mundo para se divertir. A tecedeira e as outras fadas estavam a tomar banho no rio. Niulang mandou o seu velho boi ir tirar as roupas da tecedeira. Depois de terminar o banho, a tecedeira não conseguiu encontrar as suas roupas. Apenas viu o boi velho a quem perguntou:

– Oh boi, porque é que levaste as minhas roupas?

– Ah, não fui eu, minha senhora.

– Então o que é que tu fazes aqui?

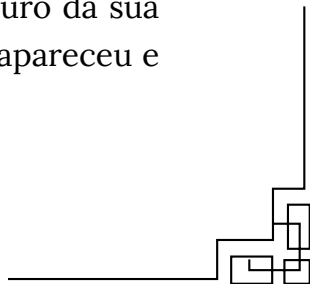
– O meu dono está a pastar as vacas perto do rio, por isso, estou a andar às voltas.

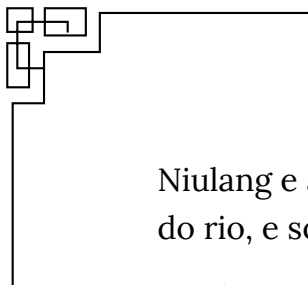
Depois, o vaqueiro apareceu para levar o boi. Foi assim que o vaqueiro e a tecedeira se conheceram. Eles apaixonaram-se de imediato e, logo depois, casaram-se.

A tecedeira também deu os bichos da seda trazidos do céu às pessoas e ensinou-lhes como criar bichos da seda e, com a sua seda, tecer tecidos brilhantes.

Eles tiveram um filho e uma filha e viviam juntos em harmonia, até que um dia o imperador reparou neles e enviou a rainha mãe para obrigar a tecedeira a voltar ao céu para ser julgada. O casal foi separado e eles ficaram em grande tristeza.

Niulang não tinha como ir para o céu. O velho boi disse a Niulang que, quando ele morresse, Niulang poderia aproveitar a sua pele para fazer sapatos especiais e, assim, entrar no céu. Niulang agiu de acordo com as palavras do boi. Ele levou os seus filhos e juntos subiram ao céu para procurar a tecedeira. Quando a rainha-mãe viu que eles estavam prestes a alcançar a tecedeira, tirou um gancho de cabelo feito de ouro da sua cabeça e acenou-o com força. Um rio turbulento apareceu e

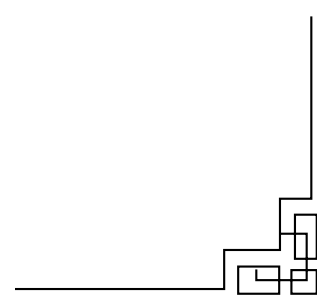


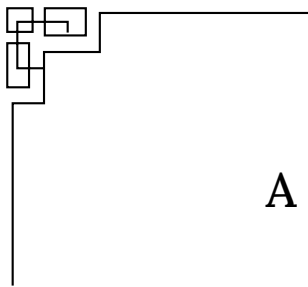


Niulang e a tecedeira ficaram separados, cada um de um lado do rio, e só podiam chorar e chorar.

Finalmente o imperador Jade mudou de atitude e permitiu que se criasse uma ponte feita de pássaros (chamados “pegas”) e que Niulang e a tecedeira se encontrassem todos os anos, durante apenas um dia, mais precisamente o dia 7 de julho.

Este dia ficou conhecido, desde essa altura, como o Festival Qixi.





A deusa Chang'E voa para a lua

嫦娥奔月 - Cháng'é bēn yuè

Yi Zi Han (Eva), Tan Le Tong (Laura)

Chang'E era uma mulher muito simpática e bonita. O seu marido, Hou Yi, possuía um elixir, que lhe tinha sido dado por uma deusa pela sua coragem e os seus feitos heroicos. Depois, Hou Yi saiu de casa e deixou o elixir com Chang'E para o guardar temporariamente.

Este episódio passou-se numa noite de 15 de agosto. Chang'E estava em sua casa como de costume. De repente, o estudante do Hou Yi, que se chamava Peng Meng, invadiu a casa e, com uma faca, ameaçou Chang'E. Peng Meng disse:

— Dê-me o elixir, rápido!

Chang'E disse calmamente:

—O que é que está a dizer? O seu professor nunca teve nenhum elixir!

Peng Meng respondeu ferozmente:

—Se não me entregar o elixir, não me culpe por aquilo que vai acontecer a seguir!

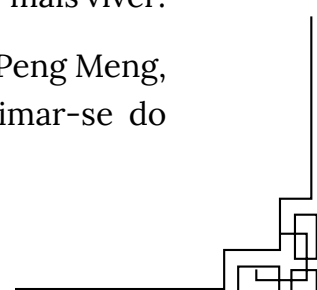
Chang'E respondeu com firmeza:

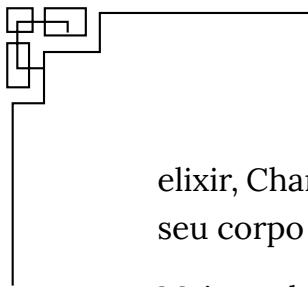
— Não há mesmo nenhum elixir! Se não acredita, pode procurar!

Peng Meng disse ferozmente:

— Espere só, se eu o encontrar, você não vai querer mais viver!

Chang'E não lhe quis dar o elixir. Ela tentou deter Peng Meng, mas falhou. Quando Peng Meng estava a aproximar-se do

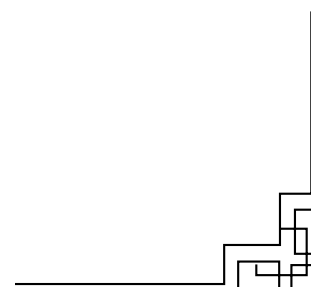




elixir, Chang'E bebeu-o apressadamente. Depois de o beber, o seu corpo tornou-se muito leve e ela voou para a lua.

Mais tarde, quando Hou Yi voltou para casa, ele queria muito ver Chang'E. Ele saiu a correr pela porta e viu a lua redonda no céu, a sombra da árvore na lua redonda e um coelho a pular em baixo da árvore. A Chang'E, que estava ao lado da árvore, olhou carinhosamente para ele.

— Chang'E! Chang'E! — gritou Hou Yi, enquanto corria desesperadamente em direção à lua. Mas sempre que ele avançava três passos, a lua recuava outros três passos e, por isso, não a conseguia alcançar. Hou Yi nunca mais conseguiu juntar-se a Chang'E.





ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS